



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS  
CAMPUS ARAPIRACA  
UNIDADE EDUCACIONAL PALMEIRA DOS ÍNDIOS  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

MARA DAIANA PAIXÃO ALENCAR

**“SE TIRAR, ELA ARREIA”:**

Envelhecimento e subjetivação na feira livre de Palmeira dos Índios

Palmeira dos Índios

2023

MARA DAIANA PAIXÃO ALENCAR

**“SE TIRAR, ELA ARREIA”:**

Envelhecimento e subjetivação na feira livre de Palmeira dos Índios

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao curso de Psicologia da Universidade Federal de Alagoas/Unidade Educacional Palmeira dos Índios, como requisito parcial à obtenção do grau de Formação em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Lázaro Batista

Palmeira dos Índios

2023



Universidade Federal de Alagoas – UFAL  
Campus Arapiraca  
Unidade Educacional Palmeira dos Índios  
Biblioteca Setorial Palmeira dos Índios - BSPI

A119s Alencar, Mara Daiana Paixão  
“Se tirar, ela arreia”: envelhecimento e subjetivação na feira livre de Palmeira dos Índios /  
Mara Daiana Paixão Alencar. – Palmeira dos Índios, 2023.

74 f.

Orientador: Profª. Dr. Lázaro Batista da Fonseca.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Psicologia) - Universidade Federal de  
Alagoas, *Campus* Arapiraca, Unidade Educacional Palmeira dos Índios, Palmeira dos  
Índios, 2023.  
Disponível em: Universidade Digital (UD) – UFAL (*Campus* Arapiraca).  
Referências: f. 70 - 74.

1. Psicologia. 2. Interação social. 3. Psicologia social. 4. Idosos. I. Fonseca, Lázaro  
Batista da. II. Título.

CDU 159.9

MARA DAIANA PAIXÃO ALENCAR

**“SE TIRAR, ELA ARREIA”:** Envelhecimento e subjetivação na feira livre de Palmeira dos Índios

Trabalho de Conclusão de Curso - TCC apresentado ao Curso de Psicologia da Universidade Federal de Alagoas – UFAL/Unidade Educacional Palmeira dos Índios, como requisito parcial para a obtenção do grau de Formação em Psicologia e aprovado em 17 de outubro de 2023.

Documento assinado digitalmente  
 LAZARO BATISTA DA FONSECA  
Data: 13/12/2023 10:08:07-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Prof. Dr. Lázaro Batista

Universidade Federal de Alagoas - UFAL  
Campus Arapiraca - Unidade Educacional Palmeira dos Índios  
Orientador

Documento assinado digitalmente  
 ANTONIO CESAR DE HOLANDA SANTOS  
Data: 14/12/2023 16:39:24-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Prof. Dr. Antonio César de Holanda Santos  
Universidade Federal de Alagoas - UFAL  
Campus Arapiraca - Unidade Educacional Palmeira dos Índios  
1ª Examinadora

Documento assinado digitalmente  
 ELTON SILVA RIBEIRO  
Data: 13/12/2023 20:49:10-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Psic. Dr. Elton Silva Ribeiro  
2ª Examinadora

## AGRADECIMENTOS

Fazer um TCC para concluir a graduação é um processo solitário, muitas vezes até angustiante. Entretanto, diante de tantos entraves, por mais que caiba a você escrever, você lembra que existem pessoas que torcem e estão contigo nessa empreitada que é concluir uma graduação, e assim, encontra alternativas para continuar o processo. Eis que cheguei ao fim da escrita e agora é o momento de agradecer a todos que estiveram comigo.

Primeiramente, gostaria de agradecer aos meus pais, Celso e Maria. Obrigada por terem me dado aquilo que não conseguiram: o acesso à educação formal. Este foi o bem mais precioso que vocês puderam me dar. Obrigada por todos os inúmeros esforços que fizeram para realizar o sonho que é da família, de vocês e meu. Ainda não chegamos totalmente lá, mas estamos conseguindo.

Queria agradecer aos meus irmãos, Júnior e Juliana. Eles que me ensinaram a escrever as minhas primeiras palavras. Voltavam da escola e brincavam de dar aula para a irmã caçula. Também foram incontáveis as vezes que me levaram para a escola junto com eles, para que nossos pais pudessem trabalhar. Graças a vocês, pude chegar onde estou hoje e espero ver vocês também alcançando seus sonhos, seja uma graduação, seja um trabalho, seja construir uma família. O agradecimento se estende para Nildes e Jonas, minha cunhada e cunhado, que também se lançaram nesse sonho junto com o pessoal de casa.

Queria agradecer a todos que conheci nas três escolas públicas que estudei. Foram várias pessoas que passaram por mim e acreditaram no meu sonho. Foram incentivos que recebi de toda a escola da zona rural para tentar ingressar na melhor escola pública da cidade e, depois, dessa para ingressar na melhor instituição da região. Obrigada a todos que cruzei os caminhos na Escola José Guilherme, no Maria do Carmo e no Ifal *Campus* Piranhas, em especial para todas as amizades que construí nesses locais.

Queria agradecer, especialmente, à Karen, que é uma terceira irmã que ganhei. Agradeço também à Maria Dayse, Damiana, Larissa e Anderson. Tem mais gente, mas não vou me prolongar, e tem o risco de eu esquecer alguém. Mas saibam que sou muito grata pela amizade de vocês. Citei esses últimos quatro porque compartilhamos o sonho da graduação juntos. E como vocês foram importantes para eu me manter aqui em Palmeira. Eu sabia que estava longe da maioria das pessoas que amava, mas sabia que tinha um pedacinho desse amor na cidade vizinha e qualquer coisa, poderia contar com vocês. E assim foi. Ver vocês se graduando neste ano fez eu ver que nossos esforços valeram a pena. Amo muito vocês.

Também queria agradecer ao Coachinha, a mistura da galera do Coachella com o Baile da Penha. Nome esquisito e bem a nossa cara para um grupo de calouros de Psicologia. Alguns nos deixaram, mas os laços continuam. Ter encontrado vocês e se sentir pertencente a um grupo para uma pessoa que era forasteira foi muito importante. Dentre seus integrantes, um agradecimento especial à Rafa, que além de dupla durante toda a graduação, foi também companheira de idas à UPA, de perrengues e da vida.

O agradecimento se expande para a Sarla e para a Rani, as duas pessoas com as quais compartilhei casa, risos, choros, boletos, fofocas, graduação e a vida nos últimos cinco anos. Ter que sair de casa e morar em um local totalmente diferente é difícil, mas foi uma experiência boa porque tive vocês comigo.

Sei que já falei bastante sobre achar um lugar a qual pertença. Mas isso é muito real na vivência de estudantes que migraram para estudar. Parece que você não pertence a nenhum lugar. As pessoas vão assistir a aula e retornam para as suas casas, você também retorna, mas o lugar não é familiar, até mesmo estar na Universidade não é nada familiar. Foi um processo muito longo para que de fato, eu me sentisse pertencente a Universidade. Tiveram duas coisas que foram fundamentais: O PET Nosal e o professor, hoje orientador, Lázaro.

Encontrei os dois quase que ao mesmo tempo: no quinto período, na época da pandemia e do ensino remoto. Eu já estava saturada de aulas online, as coisas que eu gostava da Universidade estavam paradas por causa da pandemia. Mesmo no remoto, o PET era um dos programas que resistia. Fiz minha inscrição e passei. Nos últimos dois anos, encontrei um lugar na Universidade a qual eu pertencço, sou petiana do Nosal. No último ano, já sem aula, sair de casa todas as terças-feiras para a nossa reunião foi um aconchego para meu coração. Tenho muito afeto pelos encontros que tive no PET. Como eu cresci nos últimos anos com vocês. Obrigada a cada uma/um de vocês que construiu o “nosso Nosal” nesses dois anos.

Encontrar o Lázaro foi uma raridade. Outro sergipano perdido em Palmeira dos Índios. Você foi mais que um professor, foi um dos que chegou junto e me ajudou a ver o potencial que eu tinha, coisa que às vezes duvido. Sempre com brincadeiras, quase sempre com um fundo de verdade, me ajudou a ver as diversas possibilidades que a Universidade oferece, mas também puxando na orelha de vez em quando para eu não colapsar por causa de uma graduação. Obrigada por ver potencial em mim e me ajudar nesta descoberta. Nos últimos dias saiu um meme sobre orientador ser o mesmo que um pai ausente e eu fiquei brincando com pessoas próximas que o meu era exceção, que o meu orientador foi um pai presente. Admiro a forma como estabelece relação com os discentes, sei que às vezes fazemos raiva (e como fazemos!) mas continue sendo o professor diferentão, que chega junto e conversa de igual para igual.

Tenho um agradecimento para alguém muito especial para mim. Não esqueci de você, Mateus. Não por destino, cruzamos nossos caminhos por causa de um dos simples, ou não, laço construído no primeiro período. A Karol saiu do curso, mas anos depois fez os nossos caminhos se cruzarem. Ganhei um namorado, mas também um amigo, um companheiro, um amor. Dividir a vida contigo deixa ela bem mais bonita e colorida. Obrigada por estar comigo em todos os momentos, por ser um dos meus maiores incentivadores, por me acolher inúmeras vezes quando achei que não ia conseguir. Escrever este TCC foi mais “fácil” porque tinha você ao meu lado sempre que eu achava que não estava bom ou que eu não conseguiria escrever ou quando ia lhe explicar alguma coisa e do nada surgia uma ideia que eu achava brilhante. Obrigada por ser um lugar seguro para mim.

Queria te agradecer também pela oportunidade que me deu de viver com Dona Donete (*in memoriam*), nossa Donetinha. Uma senhora com seus 90 anos que me ensinou sobre o amor e sobre viver. A pessoa que eu conheci que mais amava a vida e viveu intensamente até seu último momento. Ela que com suas histórias, me fez querer ter mais relações com pessoas mais velhas e conhecer suas histórias. Ela que tão lindamente amou os netos e nos ensinou um tantão de coisas. Por isso, gostaria de deixar meu agradecimento por esses afetos que criei com ela e também dedicar este trabalho para ela, que me ensinou sobre duas das coisas mais belas do mundo.

Aproveitando o ensejo, agradeço às senhoras e ao senhor que fizeram parte deste trabalho. Obrigada por me aceitarem e receberem com carinho e, acima de tudo, por confiarem e compartilharem suas vidas comigo. Muito obrigada pelos vínculos que criamos, pelas histórias contadas, pelas memórias que criamos juntos. Obrigada por fazerem deste trabalho o trabalho de vocês, construindo cada pedacinho comigo, quando não presentes, na minha memória.

Quero agradecer também a todos da Unidade Palmeira dos Índios, aos colegas de turma e aos professores. Obrigada por todas as trocas que tivemos ao longo desses anos e pela excelente formação que vocês nos oportunizaram. Obrigada por acreditarem na potência da Universidade fruto de interiorização e por fazer dela um local que se constrói excelentes profissionais, com formação crítica e ética.

Agradeço a minha banca, na pessoa do professor Antonio César, ao qual sou acostumada a chamar de Professor Bob, e ao psicólogo Elton, que se dispuseram a avaliar este trabalho. Agradeço ao Bob pela formação que me proporcionou e por também ser um professor que estabelece relações horizontais com os discentes. Ao Elton, espero que a vida proporcione

outros encontros para além da avaliação do trabalho e que este momento abra caminhos para dialogarmos sobre as Psicologias.

Por fim, agradeço a mim mesma. A graduação não é linda, tem choro, medo, sobrecarga, dúvidas, entre outras coisas. Entretanto, continuo seguindo, nem sempre tão firme, mas seguindo. Tenho muito orgulho da minha trajetória, do lugar que saí, dos lugares que estou ocupando e ocuparei e dos ciclos que quebrei. A graduação é cansativa, é puxada, às vezes excludente, mas é para mulheres que, assim como eu, desde pequena sonharam em sair de casa para ter um futuro diferente. Isso está sendo possível graças ao ensino em uma Universidade Federal interiorizada e pelas diversas pontes que construí com as incalculáveis pessoas que estabeleci relações nos últimos vinte e quatro anos. Muito obrigada a pequena Mara que não desistiu da gente. Que sigamos mudando e fazendo história!

Com muito amor e afeto, Mara.

“Nesse tempo, meu avô perguntou quais seriam as mais belas coisas do mundo. Eu não soube o que dizer.

Pensei que poderiam ser os filhotes de cão, alguns gatos, o fim do sol, o verão inteiro, o comportamento dos cristais, a muita chuva, a cara das mulheres, o circo, os lobos, as casas com chaminé, o cimo da montanha, a nuvem que vimos igualzinha a um avião, o quadro pintado pendurado na sala, perfeitoinho, mesmo que as árvores inclinassem um bocado tortas.

Pensei que as mais belas coisas do mundo haveriam de ser as amarelas e as vermelhas.

Ele sorriu e quis saber se não haveria de ser a amizade, o amor, a honestidade e a generosidade, o ser-se fiel, educado, o ter-se respeito por cada pessoa. Ponderou se o mais belo do mundo não seria fazer-se o que se sabe e pode para que a vida de todos seja melhor.

Pasmei diante do seu conceito de beleza.

[...]”

(Valter Hugo Mãe - As mais belas coisas do mundo)

## RESUMO

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratória, que teve como objetivo conhecer os processos psicossociais experimentados por idosos/as na sua relação com a feira livre de Palmeira dos Índios, cidade situada no agreste alagoano. A partir disso, buscou-se compreender as motivações que os levam a frequentarem a feira, bem como, conhecer como as histórias de vida deles se relacionam com a feira e as reverberações sociopolíticas do trabalho na feira para a velhice. Para isso, o estudo teve como referencial teórico autores que versavam sobre a feira, as concepções de velhice e o trabalho na terceira idade. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas e construídos diários de campo, analisados a partir da Análise de Conteúdo. Participaram da pesquisa seis idosos/as, sendo cinco mulheres feirantes e um homem freguês. Os resultados estão organizados em duas categorias. A primeira delas, apresenta os sentidos e os significados atribuídos ao trabalho na velhice, assim como as implicações econômicas e sociopolíticas que o trabalho teve na vida dos participantes, especialmente na velhice. A segunda categoria, apresenta a relação estabelecida entre os idosos/as e a feira, abordando as diferentes concepções de velhice e os sentidos subjetivos conferidos ao fazer feira.

**Palavras-chave:** idosos; trabalho; subjetividade; feiras; biopolítica.

## **ABSTRACT**

This is a qualitative research, of an exploratory nature, which aimed to understand the psychosocial processes experienced by elderly people in their relationship with the open market in Palmeira dos Índios, a city located in the countryside of Alagoas. From this, we sought to understand the motivations that lead elderly people to attend the fair, as well as knowing how their life stories relate to the fair and the sociopolitical reverberations of working at the fair for old age. For this, the study had as its theoretical reference authors who talked about the fair, concepts of old age and work in old age. Semi-structured interviews were carried out and field diaries were created, analyzed using Content Analysis. The research sample was made up of six elderly people, five of whom were women market traders and one male customer. The results were presented in two categories. The first of them presents the meanings and meanings attributed to work in old age, as well as the economic and sociopolitical implications that work had on the lives of the participants, especially in old age. The second category presents the relationship established between the elderly and the fair, addressing the different conceptions of old age and the subjective meanings conferred by holding a fair.

**Keywords:** elderly; work; subjectivity; market; biopolicy.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 -	Dispositivo biopolítico na feira – Vigilância Sanitária na Feira Livre de Palmeira dos Índios	19
Figura 2 -	Práticas de resistência na feira – Banca improvisada na Feira Livre de Palmeira dos Índios	20
Figura 3 -	Misturas na feira – pessoas, veículos e mercadoria no mesmo espaço	24
Figura 4 -	Cores e formas encontradas na Feira Livre de Palmeira dos Índios	25
Figura 5 -	Intergeracionalidade na Feira Livre de Palmeira dos Índios	26
Figura 6 -	Conversa que extrapola as relações estabelecidas na feira para além da compra e venda	28
Figura 7 -	Vendedor perambula pelas ruas da Feira de Palmeira dos Índios com produtos carregados em bacia	30

## SUMÁRIO

1	<b>INTRODUÇÃO – O ENCONTRO COM A PESQUISA</b>	13
2	<b>FEIRAS LIVRES: UM FENÔMENO SECULAR</b>	17
2.1	<u>Aspectos sociopolíticos da Feira Livre: marcas de poder e resistência</u>	19
2.2	<u>Rompendo bifurcações: a feira como o terceiro caminho</u>	24
2.3	<u>Das relações de afeto às relações de precariedade do trabalho</u>	29
3	<b>A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA VELHICE</b>	34
3.1	<u>Do sujeito velho ao sujeito da terceira idade</u>	36
3.2	<u>Nem o jovial, nem o caduco: outras possibilidades de ser velho</u>	39
4	<b>PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b>	42
4.1	<u>Etapas da pesquisa</u>	42
4.1.1	<i>Observação participante</i>	43
4.1.2	<i>Confecção de diários de campo</i>	44
4.1.3	<i>Entrevistas Semiestruturadas</i>	44
4.1.4	<i>Procedimentos analíticos e devolutiva</i>	46
4.2	<u>Aspectos éticos</u>	46
4.3	<u>Caracterização dos participantes</u>	47
5	<b>RESULTADOS E DISCUSSÃO</b>	51
5.1	<u>Trabalho na velhice</u>	51
5.1.1	<i>Os sentidos e significados do trabalho para idosos</i>	51
5.1.2	<i>Contextos socioeconômicos e as implicações sociopolíticas do trabalho</i>	54
5.2	<u>A relação da feira com a velhice</u>	59
6	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	67
	<b>REFERÊNCIAS</b>	70

## 1 INTRODUÇÃO – O ENCONTRO COM A PESQUISA

Este Trabalho de Conclusão de Curso pretendeu conhecer como idosos de Palmeira dos Índios, no agreste alagoano, se relacionam com a feira livre desta cidade. Feiras livres são manifestações econômicas e culturais muito comuns no Nordeste brasileiro. Como espaços de relação comercial e sociabilidade, elas são frequentadas por várias pessoas, inclusive, idosos. Seja na condição de feirantes, seja como frequentadores. O interesse por esse objeto de estudo advém do meu encontro com a feira livre no decorrer do meu desenvolvimento acadêmico e pessoal.

Das minhas lembranças mais tenras da infância, lembro-me o quanto o dia da feira livre municipal de Canindé de São Francisco - SE era tão esperado. Proveniente da zona rural, o acesso à cidade restringia-se a ida à feira com minha mãe no dia de sábado, e como não podia ir todos os filhos de uma vez, ia-se intercalando os dias de ida de cada um. Para conseguir chegar lá, era preciso se deslocar caminhando e pegar um transporte. Geralmente, D-20 ou o pau de arara que circulavam buscando passageiros da zona rural.

Chegar na feira era se deparar com a sua pluralidade. Pessoas de diversas idades para todos os lados, a mistura de cores dos produtos, os gritos dos feirantes ecoando, a variedade de mercadorias justapostas, os diversos cheiros, desde os mais agradáveis aos desagradáveis. A feira era um espaço de encontro e reencontro também, uma vez que a feira faz o convite para se demorar e ocupar seus espaços para além da compra e venda.

Na transição da infância para a juventude, minha relação com a feira se intensificou. Passei a acompanhar minha mãe, que alugou uma banca para vender artesanato de biscuit. A rotina dela como feirante começava um dia antes. Arrumava os produtos em caixas na sexta e, no sábado de madrugada, um vizinho que também era feirante passava para buscar ela e as caixas. Por volta de 8h da manhã, eu ia para a feira para ficar com ela na banca e retornava para casa no horário de almoço do meu irmão. Esse nosso movimento durou por volta de dois anos.

Cada dia de feira era singular. As pessoas que ali passavam, as conversas e até mesmo as vendas nunca eram iguais. Entretanto, as atividades precisaram ser encerradas por dois motivos principais: o primeiro era porque estava dedicando mais tempo aos estudos e desejava ingressar em um Instituto Federal de ensino na cidade vizinha e o segundo, porque não estava recompensando economicamente continuar vendendo.

Após minha mãe encerrar as atividades comerciais, minha relação com a feira voltou a ser nos moldes de frequentadora, com algumas ações pontuais da escola com os feirantes, como

o recolhimento do material que sobrava para a produção de compostagem. Nesse hiato, no final da minha juventude, migrei de cidade para cursar Psicologia e passei a frequentar outra muito maior: a feira livre de Palmeira dos Índios, que ocorre às quartas e aos sábados.

Hoje, também percebo o quanto o espaço da feira livre se configura como um trabalho informal, muitas vezes precarizado, e que muitas famílias não conseguem tirar todo o seu sustento, sendo preciso conciliar com mais de um trabalho ou vender em várias feiras livres.

À princípio, não imaginei que poderia relacionar os estudos da Psicologia com a feira livre. Tal ideia permaneceu até eu adentrar nas pesquisas realizadas na Universidade. Atualmente, sou integrante do projeto de pesquisa intitulado “Memória, narração e seus limiares: experiência heterotópica nas formas sertanejas de contar”, que visa conhecer analiticamente alguns dos componentes da produção de subjetividades no contexto nordestino, em especial atenção àqueles experimentados em Alagoas. Dentro dessa pesquisa, o meu reencontro com a feira emergiu a partir do subprojeto relacionado ao adoecimento e saúde mental de trabalhadores das feiras livres, por meio do trabalho com a noção de interseccionalidade e dos efeitos disso, especialmente para alguns grupos, dentre eles, idosos/as.

Como a feira, o envelhecimento é um tema que me faz brilhar os olhos. Ao longo do meu desenvolvimento infanto-juvenil, não tive muitas vivências ao lado de idosas/os e essa lacuna fui preenchendo com leituras que abordavam a vida a partir da perspectiva dos mais velhos. Cursar Psicologia fez eu me aproximar da temática durante os estudos de desenvolvimento humano e a encontrar algumas senhoras que me permitiram ouvir suas histórias de vida e instigaram a querer ouvir mais o que esse grupo tem a falar, a ser uma ponte para viabilizar a escuta do que é sentido, pensado e vivido por eles/as.

Nas minhas andanças, sempre que encontro uma pessoa idosa, penso instantaneamente que ela deve ter muito para contar, muitas vivências e memórias para compartilhar e o quanto isso me instiga a querer escutar essas histórias. Ao mesmo tempo, percebo o quanto muitos dos seus saberes e dizeres são negligenciados. Raramente, há espaço de fala para essas pessoas. A velhice, no senso comum, é sinônimo de fim da vida. Mas, na própria velhice, ainda há muito para viver e dizer.

Nessas experiências que vivenciei com a feira livre, algo significativo que percebia era a grande quantidade de idosos/as frequentando esses espaços. Atualmente, percebo que isso se expandiu para as pessoas que comercializam, surgindo inquietações de como essas pessoas experienciam a feira, quais são os motivos que fazem elas estarem ali e quais são as reverberações que estar naquele espaço traz para a sua vida. Ademais, tenho uma relação com

a feira a partir do meu desenvolvimento e, por isso, decidi experienciá-la a partir do olhar e das vivências de outros: os/as idosos/as que estão presentes nas feiras livres de Palmeira dos Índios.

Desse modo, a pesquisa visa contribuir academicamente com estudos acerca da temática velhice, visto que, em relação aos estudos de desenvolvimento humano, essa fase é a que menos possui estudos publicados. Além disso, nesta pesquisa busca-se ter um olhar da velhice sobre as suas diferentes interfaces, perceber os/as idosos/a como parte integrante da sociedade, visto que, muitos estudos restringem a velhice como período final da vida humana.

Além disso, segundo as projeções da população brasileira realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, com o aumento da expectativa de vida da população, estima-se que de 2010 para 2060 haverá um aumento significativo da população idosa em relação às outras faixas etárias, o que implica diretamente na economia e na previdência social do país. Os reflexos desse aumento populacional já estão sendo observados atualmente na sociedade brasileira. É crescente o número de pessoas idosas que não conseguem se manter apenas com a aposentadoria, recorrendo ao trabalho informal como complemento de renda familiar. Tal situação interfere na saúde mental desse público. Com isso, o presente estudo infere que pesquisar a saúde mental relacionada com o trabalho informal (por vezes) precário nas feiras livres pode ser uma importante ferramenta para embasar estudos para a formulação de políticas públicas no país.

A partir deste contexto, esta pesquisa toma como problemática: que tipos de processos psicossociais são experimentados por idosos e idosas frequentadores da feira livre de Palmeira dos Índios? Além disso, como eles/as narram o fazer feira? O que significa para essas pessoas fazer feira? De que maneira se articula a produção identitária da subjetividade para pessoas da terceira idade e o compartilhamento de vivências numa feira?

Como objetivo geral buscou-se **conhecer os processos psicossociais experimentados por idosos/as na sua relação com a feira livre de Palmeira dos Índios**. Para alcançá-lo, a pesquisa teve como objetivos específicos: a) Compreender as motivações que levam os idosos a frequentarem a feira; b) Conhecer como as histórias de vida dos idosos se relacionam com a feira; c) Compreender as reverberações sociopolíticas do trabalho na feira para a velhice.

Para responder a essas questões e objetivos, esse Trabalho de Conclusão de Curso está organizado em quatro capítulos. Os dois capítulos iniciais são teóricos. O primeiro deles, abordará questões pertinentes ao surgimento e desenvolvimento das feiras, trazendo o contexto histórico e as implicações sociais, políticas e afetivas desse fazer. O segundo capítulo apresentará os aspectos sociais do envelhecimento, desde a concepção do velho até o idoso, abordando também diferentes experiências, com atenção à relação entre velhice e trabalho.

No terceiro capítulo, serão abordados os procedimentos metodológicos da pesquisa, que utilizou como instrumentos a observação participante, entrevistas semiestruturadas e diários de campo. Também explanará a análise da pesquisa, realizada através de análise do conteúdo.

Por fim, o quarto capítulo apresenta os resultados, a partir de duas categorias analíticas. A primeira delas, aborda o trabalho na velhice, subdividindo-se em duas subcategorias: os sentidos e significados atribuídos ao trabalho na terceira idade e os contextos socioeconômicos e suas reverberações nos aspectos sociopolíticos envolvidos do trabalho na velhice. Na segunda categoria, será apresentada a relação estabelecida entre a feira e os idosos, percorrendo as motivações e os sentidos que eles dão a atividade de fazer feira.

## 2 FEIRAS LIVRES: UM FENÔMENO SECULAR

As feiras livres são um fenômeno econômico e cultural presente em todos os continentes, de modo que é difícil saber a origem exata dessa atividade. Remetido ao contexto europeu, pode-se afirmar que as feiras tiveram sua origem na Idade Média, com fins estritamente comerciais, para abastecer a população urbana. O surgimento das feiras acompanha o processo de renascimento das cidades logo após o período feudal, que tinha em seus feudos um sistema de produção autossuficiente (Dantas, 2008). Com o declínio do sistema feudal e a migração do campo para a cidade, surgiu a necessidade de trocas de produtos para manter a população da urbe. A partir dessa necessidade, o campo passa a produzir excedentes e, estes, passam a ser comercializados por mercadores em entrepostos comerciais, onde se instalaram as feiras.

Por mais que a atividade comercial intencionasse o desenvolvimento dos aspectos econômicos, esse processo trouxe mudanças marcantes para a sociedade e para as relações humanas. Segundo Amboni (2011, p. 4-5),

Viver na cidade medieval é vincular-se ao outro em um círculo de dependência geral, pois as atividades individuais materializadas para a produção da vida, integradas ao cotidiano dos cidadãos, determina o ritmo de sociabilidade e de desenvolvimento social da cidade. Essa relação de produtividade inserida na cotidianidade da vida social das cidades muradas, criou uma sociedade onde o trabalho de todos possibilita a reprodução social da vida cidadina.

Assim, por meio das trocas comerciais nas feiras, houve uma alteração na dinâmica de funcionamento das cidades e da população europeia. Devido a necessidade de um lugar determinado para acontecer e em uma periodicidade, os lugares que abrigavam as feiras foram tomando novas formas arquitetônicas, criando, então, uma nova organização do espaço citadino (Dantas, 2008).

Concomitantemente, as relações com e na feira foram ultrapassando o aspecto econômico e expandindo para relações de trabalho e de sociabilidade. Segundo escritos de Rau (1982, p.53)

[...] numa época em que quase toda a população da Europa vivia curvada sobre a terra, o instinto de sociabilidade, inerente a todo o homem, deve ter encontrado nessas reuniões a única oportunidade de se expandir [...] Era nas feiras que se obtinham notícias do que se passava pelo 'mundo', do resultado das colheitas das regiões circunvizinhas e de tantos outros assuntos que, como até hoje são a base do cavaquear do povo, pois era nelas que o comerciante vindo de longe contava as histórias maravilhosas ou terríficas das suas aventuras em países longínquos, o que vira e ouvira pelas sete partidas do mundo.

Embora predominantemente os escritos relatem as feiras europeias, é importante apontar que alguns historiadores e antropólogos como Braudel (1998), Geertz (1979) e Mott (1975) escreveram sobre as feiras da África e da Ásia, já existentes antes da Idade Média e que tinham uma performance diferente das feiras europeias.

Fonseca (2014) aponta que o regime escravocrata através da colonização portuguesa em Angola só foi possível pelo controle das rotas comerciais africanas. As feiras africanas existentes na região eram anteriores à presença portuguesa no território e serviam como pontes para ligar uma localidade a outra, principalmente territórios africanos aos asiáticos. As rotas comerciais eram tão fortes e consolidadas na região, que existiam rotas por meio de vias terrestres, fluviais e até mesmo marítimas.

Quando os colonizadores chegaram ao território, encontraram um sistema comercial estruturado e usufruíram das rotas estabelecidas para dominar as feiras e, conseqüentemente, o território, aproveitando-as para realizar o tráfico negreiro entre os continentes. Dessa forma, é possível explicar a sociopolítica da escravidão africana por meio do comércio da época e perceber interesses distintos entre as feiras europeias e africanas.

As feiras foram tão importantes para a vida social e econômica das cidades, que há vários registros da existência delas em diferentes regiões do mundo. Em relação ao Brasil, as feiras foram inovações trazidas pelos colonizadores. A população nativa tinha sua vida baseada na economia de subsistência, sem necessidade para a acumulação de riquezas e produção de excedentes, logo, não havia motivo para a comercialização dos bens produzidos.

Com a vinda dos colonizadores para as terras brasileiras, algumas tribos indígenas, como a Tupinambá, começaram a comercializar produtos, a princípio, animais, e logo depois produtos de maior interesse para o mercado externo, como o pau-brasil (Dantas, 2008). Assim, por intermédio dos colonizadores, tem início no Brasil o desenvolvimento de práticas comerciais.

Diferentemente das feiras europeias, as feiras no Brasil não tinham o objetivo inicial de abastecer a população residente na Colônia, mas reter mercadorias para destinar à exportação (Mott, 1975). Conforme a Colônia foi sendo habitada, surgiu a necessidade de se instalar, semanalmente, uma feira para abastecer esse contingente de pessoas, além da já tradicional feira destinada para a exportação dos produtos nativos.

Entretanto, o estabelecimento dessas feiras ao longo do território brasileiro foi marcado por desobediências e resistências populares. O Governo adotava uma série de medidas ordenando a fiscalização das vendas, que variavam de cobrança de taxas para a comercialização à proibição de negros exercerem atividade comercial (Mott, 1975).

As medidas praticadas visavam proteger o comércio estabelecido em detrimento do comércio ambulante, realizado por aqueles que não eram considerados dignos. Todavia, devido às transgressões às ordens governamentais, o comércio ambulante foi o responsável pela subsistência de várias pessoas nas cidades. Segundo Mott (1975, p. 100), “sem as negras vendedeiras das ruas, seria praticamente inviável viver no Rio de Janeiro, Salvador e Recife, especialmente durante os séculos XVIII e XIX”.

Apesar das circunstâncias em que foram inseridas no Brasil, as feiras tiveram grande importância para o povoamento e expansão da população para novas regiões, entre elas, o Nordeste. A atividade comercial nas Colônias nesse período tinha dois polos substanciais: a produção de cana-de-açúcar destinada para a exportação e pequenas vilas que serviam de entreposto e embarcadouro da produção canavieira.

Foi nos moldes do segundo polo comercial que o Nordeste começou a ser explorado e povoado. Enquanto o litoral nordestino era destinado para a exploração da cana-de-açúcar, a pecuária - atividade subsidiária à atividade canavieira – adentrava o Nordeste, especialmente o Sertão e Agreste (Dantas, 2008). A partir disso, novos povoados foram fundados, principalmente, para a instalação de estabelecimentos comerciais destinados para a comercialização do gado, e que, a posteriori, evoluíram para as feiras livres.

Embora o comércio de animais tenha decaído em relação ao período colonial, ainda hoje no Nordeste é possível encontrar em pequenas cidades a feira do gado, que, geralmente, é separada das feiras livres. Estas últimas, hoje em dia, “se apresentam como formas cristalizadas nas cidades e um locus de resistência às mudanças ocorridas no plano da comercialização, distribuição e consumo” (Dantas, 2008, p. 99), com organização e periodicidade próprias, que as mudanças sociais, econômicas e políticas não conseguiram regulamentar.

## 2.1 Aspectos sociopolíticos da Feira Livre: marcas de poder e resistência

No século XX, Foucault (1979) escreveu sobre o controle e a dominação da população através de um poder que detinha a gestão de suas vidas, a qual deu o nome de biopoder. Na sua visão política, ele buscava compreender como o poder se processava dentro das relações e o modo como ele guiava as vidas. Depois de se debruçar nas suas primeiras análises sobre poder, ele evidenciou a transformação do poder soberano – fazer morrer e deixar viver – para o poder disciplinar – fazer viver e deixar morrer. Com o poder disciplinar, surge uma sociedade disciplinada e homogênea com o direito de viver. Entretanto, deixá-la viver não é suficiente, é

preciso conduzir e regular como se vive, logo, Foucault fala da biopolítica, que controla as existências através do biopoder. Através dele, não se controla somente o corpo, mas também a vida da espécie humana. Assim, esse poder visa o controle da saúde, da higiene, da natalidade, da longevidade, entre outros aspectos da vida, como por exemplo, o fenômeno das feiras, espaço massificante de vida.

Elas, na maioria das vezes, têm seu lócus no centro da cidade, mudando a dinâmica da cidade por, pelo menos, um dia. Diante disso, é comum sofrerem constantes tentativas de regulamentações. Regras de higiene, cobrança de impostos, enfileiramento de bancas e barracas, divisórias das mercadorias, padronização das barracas. Essas e tantas outras normas impostas aos feirantes tentam estabelecer padrões para legitimar os mecanismos da biopolítica (Batista; Guimarães; Baú, 2018).

Esses aspectos da feira frente ao processo de dominação emergem o que Foucault (1979) discutiu em *Microfísica do poder*. Todas as tentativas de organização, higienização e padronização impostas às feiras tem como intuito a instalação de uma biopolítica, pautada em relações disciplinares e de normalização. Através da fiscalização, busca-se vigiar o “fazer feira”, observar se está de acordo com a padronização exigida, conforme a figura 1. Nesse viés, almeja-se que a feira livre tenha uma estrutura disciplinar, com corpos sociais obedientes às formas de controle impostas na sociedade.

Nessa lógica, trata-se de dar conta das relações de poder que se dão no espaço através do controle do fluxo, mas acima de tudo, tem o intuito de fazer o controle da vida biológica dos sujeitos. Em seu discurso, pauta-se no resguardo da vida para maximizá-la e que para isso é preciso purificar e proteger a população, tendo assim, a justificativa para o controle da vida biológica e política da população por meio de mecanismos de controle e padronização (Batista; Guimarães; Baú, 2018). Todavia, as feiras livres não cederam totalmente as investidas do biopoder, criando estratégias para burlar o que lhes foi imposto.

Figura 1 - Dispositivo biopolítico na feira – Vigilância Sanitária na Feira Livre de Palmeira dos Índios



Fonte: elaborada pelos autores

Os supermercados, criados recentemente quando comparados a feira, seguem essa lógica de ordenamento e padronização. De modo geral, os supermercados são caracterizados por ter seus espaços bem delimitados e fechados, produtos organizados, muitas vezes já cortados e embalados, pouco fluxo de pessoas, adotando um sistema de ordem e gestão do espaço e tempo (Pontes, 2012). Com o avanço desse modelo de comércio e com as estratégias adotadas pelo mercado de consumo, a população é atraída para esses locais. Entretanto, diferentemente das feiras, a instalação de supermercados se apropriam dos espaços, mas nesse processo não constroem uma memória local com a população, sendo assim, não cria um significado de pertencimento para aqueles que o frequentam (Pontes, 2012).

Apesar de não seguir uma padronização, as feiras não foram extintas, competindo e coexistindo, muitas vezes, no mesmo espaço público que os supermercados. Assim, as feiras resistem às tentativas de modernização que se configuram como controle disciplinar e às tentativas humanas de ordenamento e padronização do espaço comercial. Para isso, encontram seus próprios mecanismos de resistência: ora são bancas provisórias feitas a partir de caixotes e lonas (figura 2), que mudam a arquitetura do espaço de vendas, ora são vendedores deambulando carregando os produtos no corpo, ambas as formas numa tentativa de burlar a cobrança de impostos pela fiscalização.

Figura 2: Práticas de resistência na feira – Banca improvisada na Feira Livre de Palmeira dos Índios



Fonte: elaborada pelos autores

Uma das explicações para isso é sua capacidade de adaptação. De acordo com Lucena e Germano (2016, p. 38, grifo nosso),

A feira livre é um espaço que consegue unir tradição e modernidade, uma vez que prevalece na dinâmica das cidades desde as mais provincianas até as mais dotadas de serviços, comércio, *delivery* e *fast food*, *fast life*. Resiste porque é da ordem da conjunção, da incorporação do que é novo sem abrir completamente mão do que é mais arcaico, aquilo que é colhido, cortado e esculpido à mão.

Entranhada no cotidiano da cidade, as feiras livres resistem também pelo seu caráter social. Além de espaço de comercialização de mercadorias, é um lugar que privilegia o desenvolvimento de sociabilidade, tornando-se palco de diversas interações.

Inúmeras são as pessoas que se deslocam semanalmente para os núcleos urbanos, oriundos da zona rural ou mesmo de outros centros urbanos, transformando a feira numa efervescência social, caracterizada por uma multiplicidade de sujeitos, com variados eventos, modificando, ainda que por um período curto, a temporalidade da cidade e imprimindo um dinamismo diferente do rotineiro, do habitual (Araújo, 2012, p. 52)

Desse modo, o espaço público utilizado pela feira torna-se um campo de disputas entre o modelo projetado pela municipalidade e pela apropriação de um fazer feira pela população, que segue reivindicando a permanência da feira. São percepções diferentes que se justapõem, criando a variedade e singularidade de cada feira que se encontra nas cidades.

Em dados momentos históricos, como emblemas da resistência, foi preciso também manifestações populares pela permanência de características da feira frente às tentativas governamentais de modernização, como foi o caso da Revolta de Quebra-quilos, entre 1872 e 1877, e a tentativa de acabar a Feira Água dos Meninos, em Salvador, por volta de 1948. O primeiro episódio se refere ao levante popular ocorrido na região do Nordeste, especialmente na Paraíba, contra o decreto que determinava a substituição dos sistemas de pesos e medidas vigentes pelo sistema métrico decimal, além do aumento dos impostos (Laime, 2017). As medidas atingiram indireta e diretamente os comerciantes e fregueses, que se articularam e invadiram feiras, mercados e departamentos públicos e quebraram as caixas de medidas fornecidas pelo governo local, o que cunhou a revolta como de quebra-quilos.

O segundo episódio, ocorrido na Bahia, remete à resistência popular frente aos processos de urbanização e modernização. A feira de Água dos Meninos, inicialmente informal, quando foi regulamentada, passou a receber os feirantes da Feira do Sete. O governo municipal tentava constantemente remanejar essas feiras para outras localidades, pois impediam a modernização da cidade (Araújo, 2012). Tempos depois, foram inúmeras as tentativas para acabar com a feira dos Meninos. Todavia, os comerciantes seguiam resistindo às tentativas de urbanização e modernização. O poder público impunha determinações, como o fim da feira nos próximos sessenta dias, porém a população e comerciantes reagiram. Boa parte dos comerciantes começaram a se deslocar para colocar suas bancas na enseada de São Joaquim, como uma forma de dar continuidade a suas atividades e não obedecer às normas impostas pelo governo (Araújo, 2012).

Nesse ínterim, houve um incêndio na feira de Água dos Meninos. Como alternativa provisória, o poder público deslocou o grupo restante de feirantes para estabelecerem suas bancas na enseada de São Joaquim, local que já se encontrava pequenos grupos de feirantes, enquanto buscava outro espaço com infraestrutura para todos (Barros, 2008). Porém, a feira se instalou em São Joaquim e permanece até os dias atuais, trazendo na sua história a importância da articulação popular para a continuidade da existência da feira, mesmo que tenha sido em um local diferente.

Em Alagoas, na região do Agreste, há relatos de historiadores sobre resistências da feira e a sua importância para o desenvolvimento de uma das mais importantes cidades do estado, a

cidade de Arapiraca. De acordo com Roberto Gonçalves (2011), a expansão da feira do vilarejo de Arapiraca foi o motor responsável pela emancipação política da cidade. Seu desenvolvido é atrelado à cultura no fumo, a qual, convidava diversos atores sociais, como feirantes, emboladores, violeiros, meizinheiros, rezadeiras, entre outros, a comporem a identidade cultural daquele local (Carnaúba; Silva, 2011). Entretanto, ressaltam esses autores, nos dias atuais, as feiras são vistas como empecilhos para os empresários do município, os quais alegam que a informalidade dos feirantes faz com que vendam produtos a baixo custo, o que retira a clientela dos grandes empresários (Gonçalves, 2011).

## 2.2 Rompendo bifurcações: a feira como o terceiro caminho

As feiras livres, enquanto fenômeno socioeconômico, carrega consigo a ideia de resistência. Diante das tentativas de organização, elas traçaram seus mecanismos de defesa, criando novos movimentos e, conseqüentemente, transformações do espaço e do fazer. Embora sejam reconhecidas como espaços abertos de comercialização de uma grande variedade de produtos a preços acessíveis, cada uma se caracteriza pela sua singularidade.

As estratégias e modos de fazer as feiras são atravessadas pela cultura de cada localidade, dando a cada feira uma feição de unicidade e uma identidade local. Esses modos de ser e fazer feira são compreendidos por Lucena e Germano (2016, p. 55) como "resultado de metamorfoses, mestiçagens, adaptações e bifurcações operadas pela força inventiva da criatividade humana na sua constante errância pelo planeta". Nesse sentido, as feiras resistem devido a essas movimentações humanas sobre suas relações um com o outro e com o trabalho, na tentativa de manter sua sobrevivência.

Através dessas movimentações e mudanças, as feiras livres são vistas como espaços de agilidade, adaptação e inventividade (Sato, 2007). Tecida como uma rede, sua estrutura organizacional se dá por um jogo de acordos e negociações estabelecidas tacitamente entre os feirantes, que ao mesmo tempo cooperam e competem entre si, colocando em prática essas regras implícitas pactuadas. É no cotidiano de ser feirante que essas regras vão sendo repassadas, e é através da experiência com a feira que estes acordos são assimilados e utilizados como estratégias de sobrevivência. Isso implica em pensar que, por exemplo, existe uma transmissão de um código de conduta passado pela oralidade, que vai desde feirantes jovens até feirantes mais velhos. Portanto, os mais velhos ficam com a atribuição de circular e repassar na feira as orientações a partir desse código.

Para ser feirante é necessário adquirir qualificações de natureza técnica, digamos assim, que dizem respeito à capacidade de conduzir economicamente o “negócio”; mas é também, ou acima de tudo, compreender o texto social que o tempo todo está impresso nos pequenos fazeres, mas que não se oferece com um guia de interpretação. Para os que estão imersos no métier, nem sempre é possível explicitá-lo verbalmente pois está tão próximo deles mesmos como a pele do corpo que não se destaca e nem sequer percebem que os constitui. Para os que estão imersos na rede de significados, “ser” é ser assim, condição que não se presta facilmente ao distanciamento, ao estranhamento e ao questionamento (Sato, 2007, p. 99).

Nesse jogo de regras criadas e repassadas, principalmente entre as figuras mais velhas, o olhar torna-se um dos sentidos mais importantes para a verificação desses modos de fazer a feira. Sem a presença de muros ou divisórias que separam bancas e mercadorias, a disposição dos produtos e barracas possibilita que tudo e todos sejam vistos, observados. Ainda que os feirantes não possuam uma visão panorâmica ou panóptica, eles são submetidos à sensação que estão sendo vistos ao passo que tentam ver (Lucena; Germano, 2016). Por meio desse sentido, conseguem se comunicar e verificar o cumprimento dos acordos, além de firmar o cooperativismo entre si.

Todavia, o olhar não é o único sentido suscitado pela feira. Ela aguça todos os outros daqueles que a frequentam. É sinônimo de mistura, conforme a figura 3. Mistura cores, sabores, cheiros, transeuntes, feirantes, veículos, pessoas, animais... não tem donos, pertence a todos que a frequentam. Torna-se um ambiente convidativo até para aqueles que estão apenas de passagem, sem pretensões de realizar compra ou venda de mercadorias. Em certas situações, por haver uma feira no caminho, que muda a dinâmica de funcionamento da cidade por um dia, obriga o passante ao encontro e ao atravessamento por dentro dela.

Figura 3 - Misturas na feira – pessoas, veículos e mercadoria no mesmo espaço



Fonte: elaborada pelos autores

Portanto, sendo por vontade própria ou não, as pessoas experimentam a feira. São os cheiros fortes que vem das vísceras, carnes e peixes, os gritos dos feirantes e carregadores que ecoam nos ouvidos, o colorido das frutas e verduras que chamam a atenção, o toque nas mercadorias, o esbarro nas pessoas que estão de passagem (figura 4). Dessa forma, ela faz um convite para experimentá-la além das relações de troca comerciais, para explorá-la a partir de outros vieses, dando novas significações ao fazer a feira (Batista; Guimarães; Baú, 2018).

Entre essas experimentações tem-se as relações de amizade construídas na feira. O espaço da feira carrega consigo um cenário propício para a vida cotidiana. As relações de amizade construídas não acontecem por meio de acordos e concordâncias, na verdade, ela acontece em meio ao diferente, tanto em relação aos posicionamentos quanto as pessoas. São encontros oportunizados por alguém que está passando e se sente convidado a entrar na conversa entre os que ali estão presentes, fazendo parte, a partir de agora, das tramas daquela relação (Batista, Guimarães, 2017). Entre os assuntos compartilhados aparecem piadas, gracejos, histórias de família, de saúde, entre outros, que acabam sendo o fio condutor para que de simples conversas na feira surjam relações afetivas significativas, dando um destaque a feira na construção de processos subjetivos (Pontes, 2012).

Figura 4 - Cores e formas encontradas na Feira Livre de Palmeira dos Índios



Fonte: elaborada pelos autores

Nessas experimentações, evoca-se o entre. Não apenas no sentido de convite à entrada, mas também de ligação entre um ponto e outro. Para se realizar uma troca comercial, é preciso a troca de produto e dinheiro entre feirante e consumidor. Da mesma forma, para que se estabeleça qualquer tipo de relação, é preciso que ela aconteça entre dois ou mais sujeitos. Devido a essa característica, é possível associar a feira a uma encruzilhada, que nas palavras de Rufino (2019, p. 45), “é ambivalente, não define lado, é palco de todos os tempos e das possibilidades”.

Aliás, vale perceber que, embora se estendam por diversas ruas, as feiras livres costumam ocupar especialmente cruzamentos como os pontos de maior movimento e agitação. Desse modo, se organizando e desorganizando – exatamente – nas encruzilhadas. Além disso, nas suas encruzilhadas, as feiras criam uma terceira via entre o campo e a cidade; o moderno e o arcaico; o familiar e o industrial; a cooperação e a competição. Sem recorrer a dicotomias, mas sendo um novo caminho desviante no qual é possível justapor esses elementos (Rufino, 2019; Lucena; Germano, 2016).

Nesse sentido, o espaço da feira se torna um cruzo, que possibilita a emergência de novas formas de relações e experiências entre diversos atores sociais. Naquilo que essa pesquisa tem de específico, isso significa afirmar, inclusive, que a feira produz cruzamentos

intergeracionais (figura 5), podendo ter alguém muito velho e pessoas muito jovens trabalhando e socializando no mesmo espaço.

Figura 5 - Intergeracionalidade na Feira Livre de Palmeira dos Índios



Fonte: elaborada pelos autores

Ainda sob esta ótica de encruzilhada proposta por Rufino (2019), ele define-a como uma potência que permite a emergência de estripulias. De acordo com o dicionário Michaelis (2023), a palavra estrepolia significa: 1. travessura feita geralmente por criança; traquinagem; 2.

conflito em que se envolvem várias pessoas; confusão; desordem. Diante do que está sendo discutido ao longo deste capítulo sobre as feiras livres, associa-se a sua resistência e existência até os dias atuais pelos seus movimentos de traquinagem, de criar novos caminhos e transgredir diante do que lhe é imposto, podendo ser vista sob uma ótica de desordem e confusão ou de diferentes possibilidades de ser, dependendo de quem é o observador.

### 2.3 Das relações de afeto às relações de precariedade do trabalho

Como esse território vivo onde se encontra de tudo um pouco, nas feiras também se encontra também uma mistura de relações socioafetivas. Geralmente, essa atividade comercial secular é repassada entre gerações, fazendo com que o negócio percorra a história de muitas famílias. Para além disso, no ambiente da feira criam-se relações de parentesco, amizades e até mesmo apadrinhamento.

As feiras [...] consistem num verdadeiro mosaico de espaços de sociabilidade, em que a relação estabelecida entre tempo, agentes sociais e processos concorre para que a vida cidadina carregue grande diversidade e riqueza de possibilidades plurais de rituais, comportamentos, normas e limites de uso e apropriação do território urbano [...] São, muitas vezes, pontos de encontro tradicionais de amigos ou de simples conhecidos, loci escolhidos para os mais variados atos da vida social e mantém, assim, um sentido de permanência e de identidade (Araújo, 2012, p. 51).

Dessa forma, a feira é um local de comércio, mas também de encontro, onde diversos assuntos tornam-se pautas de conversas entre fregueses e vendedores. Apesar dela ocorrer apenas uma vez por semana na maioria das cidades, os laços afetivos construídos podem ser duradouros e significativos. Entre vendas e conversas, histórias de famílias, relacionamentos, resultado de jogos e até mesmo cantorias são suscitadas pelas pessoas, estabelecendo uma relação afetuosa enquanto se vende e compra. Existe até mesmo quem se dirija para a feira não para comprar, mas para ocupar aquele espaço, jogar conversa fora, como uma forma não tradicional de experienciar o lazer e o lúdico (Pontes, 2012), como ilustrado na figura 6.

Figura 6 - Conversa que extrapola as relações estabelecidas na feira para além da compra e venda



Fonte: elaborada pelos autores

Além disso, a feira tem como possibilidade a emergência de expressões culturais da sua localidade. Rica em histórias e vidas, os produtos expostos e as histórias contadas são fruto das características, dos costumes e dos saberes daquela região. Caracterizada como um veículo de comunicação e local que viabiliza expressões culturais, ela cumpre uma função social ao possibilitar o encontro, reencontro e até mesmo lazer das pessoas que a frequentam e dela fazem seu sustento (Lucena; Germano, 2016). Em consonância, Pontes (2012, p. 114) na sua dissertação pontua que...

[...] a feira livre mantém e promove a cultura popular local. As noções de identidade, comunidade, hábitos, relações e comunicação aparecem fortemente durante todo o momento que a feira acontece. Essa possibilidade de reafirmação de identidade do povo brasileiro, dos costumes e da cultura popular fica evidente na troca de conhecimentos, resgate de valores e sensação de integração social.

Por outro lado, a feira é um campo rico para observar as relações de trabalho. Além das discussões sobre sua existência até os dias atuais ser fruto da sua resistência frente aos processos de modernização e regulamentação, parte da sua permanência deve-se também ao fato de abrigar os trabalhadores que estão fora do mercado formal de trabalho, seja por razões de desemprego, seja pela busca de um trabalho autônomo (Sato, 2007).

A esse respeito, Almeida (2015) afirma que a expansão das feiras no contexto contemporâneo retrata o cenário de desemprego vivenciado no país. Enquanto de um lado existe

o trabalho informal dos feirantes que tentam se adaptar às necessidades do mercado consumidor para salvaguardar a sua sobrevivência e de seus dependentes, do outro lado existe uma grande parcela da população abaixo da classe média que se vê atraída pelos produtos comercializados a baixo preço.

É importante enfatizar que, por mais que todos que fazem da feira o seu meio de trabalho e retiram ou complementam a partir dela o seu sustento, esses trabalhadores estão em níveis desiguais dentro da informalidade. Dentre outras figuras que aparecem nesse cenário, têm-se os atravessadores, que são quem compra a mercadoria no campo e repassa para os feirantes; os montadores de barracas, que ficam a cargo de montar e desmontá-las e os carroceiros/carrêgo/fretistas, que em suas carroças de mão, levam as mercadorias compradas pelos fregueses até as suas residências.

Ainda sobre essas diferentes formas de trabalho, Menezes (2005) destaca que é possível encontrar alguns tipos de ambulantes na feira livre: os que se fixam em determinado ponto estratégico no entorno e comercializam os produtos em caixotes ou pendurados em si; os que perambulam com seus produtos carregados no corpo (figura 7) – estes podem ser fixos ou de época; os camelôs, que se assemelha aos fixos, mas se instalam dentro da feira com suas barracas e; por fim, os feirantes, que geralmente são os únicos regulamentados pela prefeitura.

Nessas circunstâncias do trabalho informal, evidencia-se a precariedade a qual esses sujeitos estão submetidos, na maioria das vezes. De acordo com Cunha (2009), essas pessoas estão fora da ordem do direito, por isso, constituem um grupo suscetível a violências, a repressões e a perseguições, principalmente aqueles que não estão cadastrados e/ou regulamentados. Além disso, é perceptível também uma gama de adversidades nas condições de trabalho, como falta de higiene, falta de banheiros, comercialização de produtos piratas ou roubados, falta de estruturas, entre outros (Almeida, 2015).

Embora a maior parcela esteja na feira por causa do desemprego ou exerce a atividade comercial para complementar a renda, há um grupo que permanece no trabalho informal motivado pelo desejo de trabalhar por conta própria. Todavia, o que se observa, na realidade, nesse trabalho autônomo é que “além de mascarar as reais dimensões do desemprego, fragmenta a classe trabalhadora, opera o culto ao individualismo, desqualifica as organizações representativas do trabalho, fomenta a ordem ideológica dominante e distância o horizonte revolucionário” (Tavares, 2004, p. 22).

Figura 7 - Vendedor perambula pelas ruas da Feira de Palmeira dos Índios com produtos carregados em bacia



Fonte: elaborada pelos autores

Independente de qual seja o motivo pelo qual os trabalhadores comercializam na feira, é notório que eles estão inseridos em condições de trabalho informal, precário, muitas vezes insalubre e que traz prejuízos à saúde. No agreste alagoano, cenário que tange a presente pesquisa, Maria Primo (2023) realizou uma pesquisa com 104 feirantes com o objetivo de

mapear as condições gerais de saúde desses trabalhadores. Dentre os resultados encontrados, observou-se através do Questionário de Saúde Geral, que 49,5% dos/das feirantes entrevistados/as apresentavam indícios de presença de Transtornos Mentais Comuns, o que se agrava quando se cruza esses dados com os marcadores sociais, como raça, gênero e classe social.

Quando se analisa as questões de gênero, a pesquisadora aponta que às mulheres são direcionados “papéis, comportamentos, atividades e oportunidades que determinam o que se pode experimentar ao longo da vida e, portanto, estabelece vivências estruturalmente diferentes daquelas experimentadas por homens” (Maria Primo, 2023, p. 7). Dessa forma, existem papéis e atividades que são atribuídas socialmente as mulheres e que lhe trazem sobrecargas, exclusão e desigualdades, inclusive na feira.

Os resultados encontrados pela pesquisadora corroboram com o que vem sendo discutido sobre precariedade do trabalho na feira e os reflexos disso para a saúde do trabalhador, especialmente quando se faz uma análise considerando questões de raça, gênero e classe social, com indícios de uma forte presença de sintomas de adoecimento relacionados ou ampliados pelo trabalho na feira.

Outra situação agravante em torno desta temática é que esses sujeitos estão nesse trabalho com poucas garantias de proteção trabalhista, perdendo o acesso aos direitos e benefícios sociais, e até mesmo impedidos de requerer direitos previdenciários (Almeida, 2015). Dessa forma, tornam-se sujeitos politicamente invisíveis.

Tudo isso se torna sintomático e especialmente problemático, quando se pensa que muitos desses trabalhadores informais são, na maioria das vezes, mulheres, negras e idosas. Quando se volta o olhar para o contexto das feiras do agreste alagoano, percebo que ainda se encontra uma grande presença de idosos trabalhando, o que torna necessário pensar como se constroem no ambiente da feira as relações entre velhice, trabalho e lembranças. Tais pontos serão abordados no capítulo seguinte.

### 3 A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA VELHICE

Para compreender as experiências de idosos com a feira livre é importante ter em mente que há diferentes argumentos na sociedade sobre a velhice. Embora a ciência, através da gerontologia e geriatria, conceitue o que é o envelhecimento e velhice, a forma como ela é pensada e vivida varia muito entre as diversas sociedades. Desse modo, não existe uma forma pré-definida do que seria, mas um espectro de situações marcadas pelo período histórico e cultura local, dando significações sociais a este processo de desenvolvimento.

Essas diferentes significações têm relação com o fato de que o desenvolvimento de políticas públicas e o aumento da qualidade de vida oportunizaram melhores condições de vida da população e, conseqüentemente, o aumento da expectativa de vida. Paralelamente, com melhores condições de vida, a população teve condições de realizar projetos de vida e planejamento familiar, de modo que muitos jovens e adultos optam por estudar, trabalhar e apenas posteriormente casar e ter filhos (Souza; Melo, 2017). Devido a isso, houve uma queda nas taxas de fecundidade e de natalidade nos últimos anos.

Esses fatores foram fundamentais para o aumento significativo da população idosa do mundo, sendo um fenômeno percebido tanto em países desenvolvidos, quanto em países em desenvolvimento (Souza; Melo, 2017). Com o crescimento dessa população, que logo nos próximos anos será o maior contingente populacional, há um aumento de preocupações por parte de governos e estudiosos em como manter a economia ativa e propor políticas públicas, como saúde e previdência para este público, de modo que os olhares se voltaram para o envelhecimento populacional.

Entretanto, ao longo da história esse olhar para a velhice tomou diferentes formas, desde o descaso e a exclusão dos sujeitos velhos à valorização destes como detentores de saberes. Tais percepções não ocorreram de forma linear e são marcadas por aspectos históricos, econômicos, culturais, sociais e biológicos. De acordo com Represas (2006), na Antiguidade, com destaque para a Grécia e Roma, os velhos desempenhavam o papel social de detentores da sabedoria. Quanto mais anos de vida uma pessoa tinha, por mais experiências e processos de aprendizagem essa pessoa tinha passado, logo, sabia muito mais. Ficava a cargo do ancião da família e/ou da comunidade ensinar o que havia aprendido para as novas gerações. Dessa forma, neste período, os velhos eram tratados com respeito e vistos como sábios.

Beauvoir (1990) descreve sobre o papel dos velhos nas sociedades primitivas. O papel atribuído ao velho variava muito de acordo com as condições do grupo. Entre os mais desfavorecidos, a velhice era exaltada miticamente, descritas como pessoas com poderes

mágicos, curandeiros. Já em sociedades mais rudimentares, os velhos tinham pouca utilidade e quando envelheciam, eram deixados de lado e abandonados. A mesma autora aponta também que em sociedades antigas mais prósperas e equilibradas, a idade não era um fator que desempenhava papel de prestígio ou de decadência. Na civilização Inca, marcada pelo seu notável desenvolvimento técnico e de organização social, por exemplo, o emprego era pleno para toda a população, independentemente da idade e da categoria. A idade não extinguiu o dever de trabalhar. Por isso, nessa sociedade, mesmo os velhos com mais de 80 anos eram utilizados para desempenhar atividades dentro da civilização, e essas atividades não lhe garantiam notoriedade ou exclusão.

Ainda considerando o contexto ocidental, quando se observa a velhice sob a ótica biológica, verifica-se que seu entendimento caminha junto com a evolução da medicina. No século II, Galeno fez uma síntese sobre a medicina antiga e considerou a velhice como um processo interposto entre a doença e a saúde (Beauvoir, 1990), compreendendo que neste período as funções fisiológicas reduzem e enfraquecem.

Do século XII ao século XV não houveram mudanças significativas em relação à velhice. As obras tratavam sobre higiene preventiva dessa população e ela continuava associada a um período de decadência, marcada pelo surgimento de doenças e pela redução das funções fisiológicas (Mucida, 2004). A partir do século XVI, no período Renascentista, alguns estudos associavam a velhice como um período de realização de conquistas (Almeida, 2005).

Somente a partir de meados do século XIX a medicina passa a tratar a velhice a partir de um viés que não o higienista preventivo. Na França foram criados vários asilos para abrigar doentes, na maioria velhos, o que facilitou o estudo clínico com idosos. A partir de repercussões das conferências proferidas por Charcot nessas instituições, muitos estudos foram publicados, entre eles, um conjunto que visava o cuidado terapêutico, preocupando-se com a cura dos velhos (Beauvoir, 1990).

Então, é a partir da medicina moderna que se busca explicar o processo de degeneração. De acordo com Silva (2008), desde então, se passa a estudar a velhice e o processo de envelhecimento como problemas clínicos, certezas biológicas e processos invariáveis. Ao mesmo tempo, indica essa autora, associa-se a velhice à morte, com o fim da vida passando a ser visto como “resultado de doenças específicas da velhice; a longevidade possui limites biológicos insuperáveis; a velhice é a etapa necessária da vida na qual o corpo se degenera” (Silva, 2008, p. 158). Isso fala, então, de uma produção social do envelhecimento que transforma o sujeito velho numa nova categoria identitária: o sujeito da terceira idade.

### 3.1 Do sujeito velho ao sujeito da terceira idade

O envelhecimento é um processo natural e biológico que ocorre durante toda a vida, tendo seu início no nascimento e decorrendo até a morte (Dardengo; Mafra, 2018), sendo que, quanto mais anos de vida se tem, maiores serão os efeitos do envelhecimento no corpo. Dessa forma, é um fenômeno que está presente desde as civilizações antigas. Entretanto, a maneira como esse processo é conceituado e interpretado pela sociedade é marcado por representações sociais, discursos políticos, interesses econômicos e áreas de saberes.

O surgimento de categorias etárias teve início na modernidade com a industrialização e o surgimento do capitalismo (Costa; Soares, 2016). Até o início do século XIX, as famílias eram numerosas, não havia tempo específico para o trabalho e separação entre trabalho e casa, além das famílias serem extensas e coabitar a mesma residência, logo, nessas sociedades pré-industriais não havia a necessidade de separação ou delimitação de funções para cada idade (Silva, 2008).

Com o advento da Modernidade, o mundo do trabalho ampliou-se, migrando do âmbito familiar para o público e privado, o que ocasionou mudanças na organização da sociedade (Rodrigues; Soares, 2006). Dentre essas mudanças, ocorreu a divisão das fases da vida, por meio da datação de idades cronológicas, de modo que cada fase define os papéis e as instituições sociais que os sujeitos vão desempenhar e ocupar na sociedade.

Segundo Silva (2008), todas as ambientes de vida social foram influenciados pela criação de etapas da vida e pelo reconhecimento dos sujeitos como pertencentes a uma dessas categorias durante o seu desenvolvimento, de modo que é possível encontrar essa divisão nos espaços familiares, nos serviços trabalhistas, nas entidades governamentais, na esfera privada e até mesmo no mercado de consumo.

Para Birman (2015), isso tem a ver com a emergência histórica do conceito contemporâneos de terceira idade, indicando a ruptura com a leitura anterior do processo de envelhecimento. Segundo ele, houve uma transformação radical na concepção da velhice devido a mudanças em condições sociais, políticas, científicas e éticas em torno do envelhecimento, retirando-o de um silenciamento e colocando as questões da velhice como uma problemática a ser resolvida.

É entre os séculos XIX e XX que a velhice se concretiza como uma fase da vida. Para essa categorização, dois fatores foram basilares: o surgimento da gerontologia e geriatria e a criação das pensões e aposentadorias (Dardengo; Mafra, 2018). Por meio dessas áreas de

conhecimento, a velhice tem características específicas, como estado fisiológico próprio, carecendo de estudos e cuidados próprios da medicina.

Nos anos iniciais do século XX, ressaltava-se os aspectos negativos da velhice (Rezende, 2008). Em um período marcado pela valorização física do corpo para o mercado de trabalho, a degeneração e envelhecimento do corpo caracterizaram-se como um empecilho para a atuação no mercado de trabalho. Como medida, esses corpos improdutivos eram retirados dos mercados e descartados em abrigos e asilos.

Todavia, esses velhos vistos como incapazes, inválidos, pobres e inúteis para o sistema de produção foram criando uma massa de sujeitos que reivindicavam por melhorias das suas condições de vida. Frente a estas problemáticas surgidas no período capitalista, criam-se as pensões e aposentadorias para os velhos que não estavam mais ativos no mercado de trabalho. Costa e Soares (2016, p. 5) apontam que

Esse sistema de proteção social apresenta dois fatores básicos, a necessidade de “contenção” do “perigo social” provocado por uma massa de trabalhadores que colocavam em risco os interesses capitalistas, sendo uma estratégia política cujo propósito era dar uma resposta ao grande problema social da época e ao mesmo tempo se caracterizava como uma luta política da classe trabalhadora.

Como consequência da instituição dos sistemas de aposentadoria, associou-se ainda mais a imagem da velhice associada à invalidez. Entretanto, o velho também passou a ser visto como sujeito de direito, detentor de privilégios assegurados pela legislação e que por isso, permite-lhe a reivindicação de benefícios nesta categoria (Silva, 2008).

Em meados do século XX, parcela da população economicamente mais rica também estava envelhecendo e não queriam ter sua imagem vinculada ao velho inválido e decadente das camadas econômicas mais desfavorecidas (Rozendo; Justo, 2011). Diante disso, o termo velho não se adequava a esta parte da população que estava adentrando nas políticas sociais previdenciárias.

Como alternativa, aparece o termo terceira idade e idoso para substituírem o termo velho, dando uma imagem positiva para a velhice (Costa; Soares, 2016). Assim, faz-se um recorte entre o velho, considerado senil, debilitado e inativo e o idoso, pessoa em processo de envelhecimento considerada ainda capaz de uma vida ativa e de ter realizações pessoais, ou seja, jovens senhores.

Silva (2008, p. 162) aponta como hipóteses para o advento da terceira idade “a generalização e a reorganização dos sistemas de aposentadoria, a substituição dos termos de tratamento da velhice, o discurso da gerontologia social e os interesses da cultura do consumo”.

Não demorou muito para que os sistemas de aposentadorias se estendessem a todas as classes trabalhadoras. Dentro delas, existiam classes sociais com necessidades mais sofisticadas, que logo passaram a ser ofertadas pelas agências de caixas de aposentadoria, como clubes, atividades de lazer, entre outros.

Por consequência, a nova identidade denominada terceira idade ganhou legitimidade. O estilo de vida dessa parte da população idosa se dissemina para todas as categorias e a imagem que se tem da velhice está associada ao bem viver (Silva, 2008). Ao mesmo tempo, o estilo de vida desse grupo chama o interesse da sociedade de consumo. Um público que almeja continuar ativo, possui recursos financeiros disponíveis e tempo ocioso, e que ainda não são explorados pela cultura do consumo, prontamente são vistos por empresas e estratégias de marketing como público-alvo, que direcionam produtos, programas e espaços para que os idosos usufruam dos seus serviços.

Dessa forma, essas denominações reproduzem as diferentes abordagens sobre o envelhecimento. Em um estudo realizado por Siqueira, Botelho e Coelho (2002), elas analisaram as diferentes perspectivas sobre o envelhecimento. A primeira perspectiva, denominada “biológico/comportamentalista”, descreve a velhice como um processo de alterações fisiológicas degenerativas, que levam ao surgimento de várias patologias e que se torna um problema de Estado. A segunda abordagem, a “economicista”, preocupa-se com o lugar na estrutura social produtiva que o velho ocupa na sociedade, uma vez que ele faz a transição de cidadão ativo para inativo. O que converge nessas duas perspectivas é a preocupação que o envelhecimento populacional acarretará para o Estado, uma vez que além dos gastos com saúde pública, será preciso também gastos com Previdência Social.

Dando continuidade ao que as pesquisadoras mencionadas encontraram, para a concepção dos “socio culturalistas” a velhice é vista como uma construção social. A divisão da vida em etapas e, conseqüentemente, a determinação das atividades para cada fase da vida seria um designo social e não fruto de parâmetros científicos sobre desenvolvimento biológico. Por fim, a vertente “transdisciplinar”, como o próprio nome diz, abordará todas as outras perspectivas juntas, compreendendo que o envelhecimento é um processo natural, mas também social e que é atravessado por questões de ordem biológica, econômico e sociocultural, o que o caracterizam como um processo singular.

Assim, todos os diversos fatores supracitados ao longo deste tópico fizeram com que houvesse a mudança do termo velho para a terceira idade/idoso e que diferentes linhas teóricas se debruçassem sobre o envelhecimento. Entretanto, o termo velho não está em desuso nos dias

atuais, de modo que as duas concepções – idoso e velho - coexistem nos diferentes espaços da sociedade.

Isso se justifica, entre outras motivações, pelo fato de o termo idoso não abarcar todas as vivências da velhice. Infelizmente a imagem da velhice atrelada ao bom viver é ainda privilégio de uma pequena minoria da população idosa. Uma parcela significativa de sujeitos na velhice não consegue sobreviver apenas com a aposentadoria, não consegue ter uma qualidade de vida e precisa retornar para o mercado de trabalho informal para complementar a renda. A imagem que se percebe é que estes sujeitos estão mais próximos do velho do que do sujeito que goza da terceira idade.

### 3.2 Nem o jovial, nem o caduco: outras possibilidades de ser velho

Existem muitas discussões e preocupações em torno da velhice e do envelhecimento. Independente das motivações que levaram estudiosos, governos e instituições a se dedicarem a esta temática, é fato que elas ajudaram no processo de longevidade dos idosos (Birman, 2015) e cada vez mais é possível visualizar o aumento da expectativa de vida em diversos lugares. Entretanto, ainda é constante discursos dicotômicos sobre o envelhecimento: de um lado, o velho “jovem”, que é ativo na sociedade e saudável, do outro, sujeitos frágeis, suscetíveis a patologias (Hoffmann-Horochovski, 2010).

Sem querer romantizar ou apontar uma das categorias sobre a velhice como certa, a presente pesquisa prefere apresentar a velhice como um processo heterogêneo, sendo considerada como experiências diversas (Beauvoir, 1990; Bosi, 2001; Hoffmann-Horochovski, 2010). Dessa forma, o envelhecimento, embora seja um processo biológico, é atravessado por condicionantes e determinantes sociais, pelo momento histórico, além de questões específicas – como classe social, etnia, gênero, papéis sociais – e fatores macro, como cultura, política e economia (Costa; Costa; Poltronieri, 2017). Diante de tantas possibilidades de ser, é possível apresentar a velhice como heterogênea.

Nessa perspectiva, torna-se complicado, por exemplo, afirmar que um sujeito que viveu o longo de sua vida em situação de vulnerabilidade, com condições desiguais de vida e de trabalho, ao chegar na velhice poderá gozar de descanso, de uma boa vida e usufruir uma aposentaria. O mesmo vale para alguém que desde a infância trabalhou na agricultura, não teve acesso à educação formal e reside em determinada localidade. Não é possível supor que, ao chegar nos seus 60 anos, ela viverá a mesma velhice que outro idoso que teve acesso aos

estudos, reside em localidade mais prestigiadas e desde sempre teve acessos e privilégios na sociedade. Diante desses exemplos, a heterogeneidade da velhice se dá não só por diferenças etárias, mas também pelas diferentes trajetórias de vida e inserção, tanto social quanto econômica, no mundo do trabalho (Camarano, 2006).

Parte importante para se compreender essa heterogeneidade é a relação da velhice com o trabalho. O trabalho, na história de vida de muitos idosos, tem diferentes significações. Ele não representa uma totalidade, mas, em algumas vivências, é visto como parte integrante de quem eles são, fazendo parte da construção de suas identidades. A partir dele, muitos e muitas encontram uma forma de garantir uma utilidade e manter a identidade, dando um sentido para as suas existências (Hoffmann-Horochovski, 2008, 2010). Além disso, há a assimilação das representações sociais sobre o envelhecimento e o medo de se tornarem dependentes, sozinhos, sem autonomia. Logo, continuar trabalhando, para o imaginário deles, seria uma forma de driblar essa possibilidade para a velhice (Hoffmann-Horochovski, 2010).

Outros, por questões de desigualdades sociais, ganham uma visibilidade social dentro de suas famílias. Nas novas concepções de famílias, existem famílias chefiadas por idosos, que além do papel de cuidador, desempenha também o papel de responsável pela sobrevivência, garantindo o sustento e manutenção através dos seus recursos, como pensões, aposentadorias e atividades remuneradas (Costa; Costa; Poltronieri, 2017). Se antes a velhice era excluída, nesses moldes, parece haver uma visibilidade e importância para ela, mas trata-se de uma inclusão perversa, como posto por Sawaia (1999).

Quaisquer que sejam as motivações que levam ao idoso a desempenhar atividades, ora laborais, ora recreativas, nos seus discursos, tais atividades desempenham o papel de dar sentido à existência, de modo que para alguns deles, “trabalho e existência se confundem” (Beauvoir, 1990, p. 272). Sobre papéis sociais, Bosi (2001) pontua que a função social do velho é lembrar e aconselhar. E o próprio fato de narrar, configura-se como um trabalho, uma função desenvolvida com maestria pelos velhos, que ao experienciar diversas situações ao longo do tempo, pela oralidade, conseguem transpassá-las para outras pessoas e gerações.

Para ilustrar isso, recorro a um exemplo advindo da literatura. Em “a máquina de fazer espanhóis”, de Valter Hugo Mãe<sup>1</sup>, o personagem esteves sem metafísica conta para seus colegas do abrigo feliz idade sobre sua experiência, quando mais jovem, com o fernando pessoa. Pela oralidade, ele narra elementos desse encontro que não estão escritos em nenhum lugar, a não

---

<sup>1</sup> Nesta obra, o autor faz uso somente de letras minúsculas e ponto final, por isso, optou-se por manter a mesma formatação nos personagens e em suas falas.

ser na sua memória. Os amigos ficam maravilhados em saber que convivem com alguém que conheceu o famoso escritor e poeta português. Quando o esteves parte, seu amigo, senhor silva, questiona: “[...] quem não acharia que eu enlouquecera, se nenhum livro comprovara a existência de tal homem. como se provaria isso que para nós estava provado pela espontaneidade e vivacidade do seu discurso [...]” (2016, p. 156-157).

Assim como na história do abrigo feliz idade e pelo que foi posto por Bosi (2001), é na velhice que se desempenha a função da lembrança. Lembranças de uma época que já passou, de pessoas que já não estão aqui, de fatos ocorridos quando não estávamos presentes. Lembranças de vários anos, de toda uma vida, que são contadas como uma forma de recordar, como uma contemplação ao que foi vivido. Existem uma diversidade de experiências que não conhecemos, mas pelas lembranças do velho, podemos conhecê-las. Em busca de histórias na feira as quais não vivenciei, recorro as/aos velhas/velhos da feira de Palmeira dos Índios, para que, através de suas lembranças, contem-me suas histórias de vida e como elas se entrelaçam com a feira livre.

## 4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Tratando-se de uma pesquisa qualitativa, este estudo buscou conhecer os aspectos psicossociais experimentados por idosos/as na sua relação com a feira, compreendendo que tais informações não são mensuráveis.

Segundo Demo (1985, p.19), a metodologia “é uma preocupação instrumental. Trata das formas de se fazer ciência. Cuida dos procedimentos, das ferramentas, dos caminhos”. Posso compreender, a partir do referido autor, a metodologia como os caminhos utilizados pelo pesquisador para captar e manipular a realidade teórica e prática, que é o objetivo da ciência. Dentro das ciências, não há um único caminho a ser percorrido, por isso posto, é imprescindível que o caminhar dentro da pesquisa ande lado a lado da estrutura teórica proposta na investigação científica, de modo que os instrumentos e técnicas estejam articulados em forma e sentido com o que foi estudado (Salsa; Silva, 2021).

Dentro desse processo investigativo, busquei um modelo de pesquisa que permitisse uma reflexão crítica dos fenômenos sociais e que trabalhasse a partir da compreensão dos significados e das motivações dadas nas relações sociais humanas vivenciadas por idosos na feira, compreendendo que esses processos não são passíveis de mensuração. Diante do exposto, a presente pesquisa utiliza como percurso metodológico a pesquisa qualitativa, pois de acordo com Minayo (2001, p.22), este método “aprofunda-se no mundo das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas”.

Em relação ao seu enquadre, configura-se como uma pesquisa do tipo exploratória, uma vez que busca uma maior compreensão de um fenômeno em particular (Gil, 2002), proporcionando uma familiaridade ao problema que deu origem à pesquisa tornando-o mais compreensível. Sendo assim, pretendi compreender as diferentes motivações que levam os sujeitos idosos de Palmeira dos Índios a frequentarem a feira local, utilizando para tal, procedimentos padronizados para a produção dos dados em diferentes etapas de pesquisa, conforme detalhado a seguir.

### 4.1 Etapas da pesquisa

Esta pesquisa foi desenvolvida em quatro etapas. A primeira delas foi realizada ainda na elaboração do projeto, quando se tinha apenas o objetivo que ela acontecesse na feira. Para delimitar o problema de pesquisa, realizei idas à feira para fazer observações. Após uma

sequência de três idas, defini qual seria o problema e objeto de pesquisa. A partir disso, a segunda etapa consistiu em realizar um levantamento bibliográfico em livros, artigos, revistas, teses, dissertações que discutiam sobre feira e velhice e as reverberações dessas.

O uso do referencial teórico buscou basear a minha inserção enquanto pesquisadora no campo, realizando aproximações entre o exposto na literatura e o que foi presenciado no campo, perpassando as histórias e experiências que os feirantes relataram nos encontros. Entre os materiais usados para a revisão, teve-se livros, artigos científicos, dissertações e monografias. Nas bases de dados, foram pesquisados: idoso e trabalho; idoso e velho; feiras livres; feiras livres e trabalho.

Com o referencial teórico pronto, iniciei a terceira etapa que se deu a partir de diferentes procedimentos e instrumentos de produção de dados.

#### 4.1.1 *Observação participante*

A observação participante aconteceu desde o momento inicial, antes do delineamento do problema de pesquisa, que foi evidenciado a partir das observações, e essas sucederam até a etapa das entrevistas com os participantes. Ao todo, fiz doze observações desse tipo, entre os meses de setembro de 2022 e setembro de 2023. De acordo com Cruz Neto (2001, p. 59), a observação participante “se realiza através do contato direto do pesquisador com o fenômeno observado para obter informações sobre a realidade dos atores sociais em seus próprios contextos”. Como instrumento, ela exige que tenha atenção a todos os sentidos pelo pesquisador, em um processo que oscila entre reflexões sobre situações cotidianas e a observação de detalhes que poderiam passar despercebidos no uso de outros dispositivos de pesquisa.

A observação participante exige uma participação conjunta dos sujeitos da pesquisa, do pesquisador e do próprio contexto no qual estão inseridos. Nessa relação face a face do observador com os observados, é possível fazer a produção dos dados participando dos ambientes naturais dos sujeitos. Logo, “o observador é parte do contexto, sendo observado no qual ele ao mesmo tempo modifica e é modificado por este contexto” (Cicourel, 1969, p.19). Como produto dessas observações, recorri à elaboração e registros audiovisuais e anotações sob a forma de diários de campo.

#### 4.1.2 *Confecção de diários de campo*

Segundo Brandão (2007), o diário de campo é uma ferramenta que possibilita ao pesquisador estar presente no campo, deixando-se envolver pelas pessoas e as coisas que acontecem ao seu redor, integrando-se ao cotidiano e ao próprio trabalho dos atores da pesquisa.

Dessa forma, o pesquisador coloca no diário as próprias afetações e atravessamentos que sente e percebe durante o desenvolvimento da pesquisa, ora dos momentos de observação, ora das implicações emergidas a partir dos encontros vivenciados nas entrevistas. Assim, o diário de campo não é apenas o registro textual do que foi vivenciado, mas uma captura e registro das trocas, percepções e afetações suscitadas no pesquisador.

A partir desse entendimento, ao longo de doze meses, foram produzidos 8 (oito) diários de campo observacionais. Sua elaboração se deu sempre após as visitas à feira de observação e após as entrevistas com os participantes.

A partir das visitas esporádicas à feira para observação, contato com sujeitos idosos e produção dos registros, o trabalho de pesquisa se voltou à apresentação da proposta da pesquisa e convite para participar das entrevistas. A etapa seguinte consistiu na realização das entrevistas semiestruturadas com as feirantes e o comprador.

#### 4.1.3 *Entrevistas Semiestruturadas*

As entrevistas semiestruturadas aconteceram com 06 (seis) pessoas, sendo que cinco delas eram feirantes e uma delas compradora. Destes, cinco eram mulheres e um homem. No que se refere aos critérios de participação dessa etapa, era necessário que os participantes fossem pessoas com mais de 60 anos de idade, que frequentam a feira de Palmeira dos Índios, seja na condição de feirante, seja na condição de comprador. Era também demandado que aceitassem participar da pesquisa e tivessem experiências com a feira, que ocorre nas quartas-feiras e sábados, e, excepcionalmente, às sextas-feiras. Também era exigido que a conversa fosse gravada e, posteriormente, transcrita.

Optei pela entrevista semiestruturada pela possibilidade que o direcionamento com perguntas-chave dá a conversa e pelos seus desdobramentos possibilitados por esse tipo de entrevista, trazendo a possibilidade de emergir perguntas e assuntos que não foram previamente estabelecidos no roteiro, mas que sejam importantes para o desenvolvimento da pesquisa.

Cruz Neto (2001) aponta que a entrevista não é uma conversa sem pretensão e imparcial, uma vez que elas estão inseridas como coleta de dados relevantes trazidos pelos atores da

pesquisa, que estão no papel de sujeitos-objetos da pesquisa, e que vivenciam um determinado fenômeno que está sendo focalizado no estudo. Dessa forma, os dados obtidos a partir das entrevistas são percebidos como objetivos e subjetivos, tornando a entrevista semiestruturada um importante instrumento para a pesquisa qualitativa.

Os encontros para a realização das entrevistas aconteceram na própria feira e na casa de um dos participantes. Para preservar a identidade dos participantes, seus nomes foram substituídos por nomes comuns brasileiros, seguidos por produtos que são comercializados em feiras. Os nomes e os produtos não possuem nenhuma relação com os nomes originais e com os produtos que eles comercializam. As entrevistas semiestruturadas aconteceram nos meses de agosto e setembro de 2023, após realização de observações e convite para participar da pesquisa, que aconteceu no dia 05 de agosto, 07 de agosto e 15 de setembro.

Nesse primeiro dia, somente duas feirantes aceitaram participar. Uma delas disse que já poderia começar a entrevista no mesmo dia e a outra optou por começar de fato a entrevista outro dia. E desse modo foi feito. A primeira entrevista aconteceu dia 05 de agosto e a outra no dia 19 de agosto, ambas realizadas na feira.

O contato com o participante Seu Zé do Feijão se deu por meio da sua neta. Sabendo que ele frequentava a feira toda semana, expliquei a pesquisa para a neta dele e solicitei que ela conversasse com ele para saber se ele aceitaria participar do estudo. O convite foi feito no dia 07 de agosto e prontamente ele aceitou. Ficou para ser definido o dia e o local que a entrevista aconteceria com ele. O encontro aconteceu no dia 24 de agosto de 2023, na sua residência, na zona rural de Palmeira.

As outras entrevistas com as outras três feirantes aconteceram no dia 15 de setembro de 2023, excepcionalmente uma sexta-feira, pois a feira foi transferida para esse dia devido ao feriado estadual. A pretensão era fazer observações e fazer mais perguntas à primeira participante, pois alguns trechos ficaram cortados na entrevista. Entretanto, por ser um dia de sexta, ela não estava na feira. Conversei com uma das feirantes vizinhas, perguntando por ela.

No meio da conversa, foi exposto sobre a pesquisa e feito o convite para a participação e, sem hesitação, três das quatro mulheres que estavam vendendo neste local aceitaram participar. Dessa forma, foram realizadas mais três entrevistas semiestruturadas, totalizando o número final de participantes.

Em síntese, o desenvolvimento da fase de entrevistas se deu a partir de três momentos: a confecção de um roteiro preliminar com perguntas para direcionar a conversa; os encontros e as entrevistas com as participantes; e a elaboração das transcrições dos diálogos ocorridos com os sujeitos da pesquisa.

#### 4.1.4 *Procedimentos analíticos e devolutiva*

A quinta e última etapa consistiu na análise dos dados produzidos por meio de Análise do Conteúdo (Bardin, 1977). Para Bardin, a Análise do Conteúdo é um conjunto de técnicas utilizadas para analisar comunicações, tendo como objetivo obter indicadores que deduzam logicamente e justifiquem as produções das mensagens, fazendo para tal, o uso de procedimentos de explicitação, sistematização e expressão dos conteúdos presentes nas mensagens.

Bardin (1977) divide o processo analítico em três etapas. Primeiro, uma pré-análise, fase destinada para a organização e sistematização das ideias, que ocorre por meio da escolha do material a ser analisado, do resgate dos objetivos da pesquisa em relação aos materiais coletados e da produção de indicadores para direcionar a interpretação. A ela, segue-se a exploração do material, com a codificação dos dados brutos da pesquisa. Por fim, tem-se o tratamento dos resultados obtidos e interpretação. Nessa fase, os dados que eram brutos passam a ser significativos e válidos, evidenciando as informações produzidas. A partir disso, o pesquisador realiza suas interpretações de acordo com o referencial teórico e os objetivos, ou identifica novas perspectivas teóricas a partir do material.

Após passar os dados produzidos por esses processos de análise do conteúdo, cheguei aos resultados da pesquisa. Para a melhor visualização, dividi os dados em duas categorias analíticas, a saber, *trabalho na velhice* e *a relação da feira com a velhice*. Ao término da análise, apresentei a pesquisa aos participantes para que eles pudessem indicar concordância, antes que o material fosse submetido à avaliação da banca.

#### 4.2 Aspectos éticos

O presente estudo deriva de projeto de pesquisa aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos da Universidade Federal de Alagoas (CAAE n°: 58708722.6.0000.5013, Parecer n°: 5.448.266), tendo cumprido com as exigências e determinações da legislação vigente. Durante o convite para a participação na pesquisa, foi ressaltado aos participantes o caráter voluntário de sua parte, assim como respeitado e preservado o sigilo da identidade e das informações obtidas, sendo sua utilização na pesquisa feita apenas mediante prévio consentimento, de acordo com os preceitos éticos determinados para participação de seres humanos, conforme definem as Resoluções 466/12 e 510/16, do

Conselho Nacional de Saúde (CNS), que regulam a avaliação da ética em pesquisa. Ao longo da pesquisa também foi enfatizado que ela não acarretará qualquer dano físico ou material, tampouco à saúde destas pessoas e que, a qualquer momento, poderiam desistir da participação.

Para além das questões éticas formais, vale ressaltar, também como dimensão ético-política, as dificuldades para a coleta dos dados. A feira é um local em movimento. São pessoas indo e vindo no mesmo espaço e se esbarrando, são barulhos vindo de todos os lados, são rostos que você pode ver uma única vez. Assim, nessa pressa, foi difícil contatar e parar idosos que estavam comprando, e que aceitassem participar das entrevistas. Além disso, mesmo que me dispusesse ao encontro em outro local, provocava o estranhamento, visto que era uma completa desconhecida para eles.

Do mesmo modo foi a participação de feirantes do sexo masculino. Eles até dialogavam inicialmente, mas a partir do momento que era proposto a participação formal, eles recusavam, o que foi totalmente aceito. Todavia, as feirantes sempre se mostraram abertas à participação. Apesar das dificuldades encontradas, essas não comprometeram a coleta e produção dos dados e a produção dos resultados.

#### 4.3 Caracterização dos participantes

Durante a realização das entrevistas, muitas histórias de vida apareceram. Então, é válido apresentar em síntese quem são os sujeitos idosos deste estudo e relatar um pouco de suas histórias, da produção identitária de suas subjetividades, que está totalmente entrelaçada ao fazer e viver a feira, de modo que alguns não se separa a pessoa do ser feirante.

#### **DONA MARIA DA MELANCIA**

Mulher, 75 anos, divorciada, negra, feirante e filha de feirante, estudou até a primeira série, só sabe assinar o nome. Começou a vender por volta dos vinte anos de idade. Alternava entre o trabalho na agricultura e a venda na feira, de modo que precisou se afastar quinze anos da feira para trabalhar na roça. Faz vinte e oito anos que voltou a vender na feira e não pretende parar, mesmo que os filhos queiram que ela pare. Já é aposentada, mas diz que quer continuar trabalhando na feira porque gosta e é seu divertimento. Paga pela banca e pelo espaço da feira. Os produtos que comercializa são provenientes da própria agricultura e de atravessadores que

vendem antes da feira começar. Reside em Palmeira e acorda às 3h da manhã para trabalhar, indo para casa no final da feira, por volta das 15h/16h. Vende às quartas e sábados.

### **CHIQUINHA DO MELÃO**

Mulher, 81 anos, negra, feirante, vende desde os oito anos de idade, não estudou. Já vendeu em vários municípios, mas hoje em dia só vende em Palmeira. Já é aposentada, mas disse que não pensa em parar de trabalhar, relata que enquanto tiver saúde, irá trabalhar. Não possui barraca, vendendo sentada em uma cadeira de plástico com os produtos dispostos em sacos e baldes no chão. Paga pelo espaço que ocupa na feira. Compra os produtos de atravessadores. Mora no interior de uma cidade vizinha e acorda às 3h da manhã para pegar uma van e vir comercializar em Palmeira. Fica na companhia do neto de cinco anos. Só vende aos sábados.

### **SEU ZÉ DO FEIJÃO**

Homem, 74 anos, branco, comprador. Estudou pouco, pois o pai não aceitava que ele estudasse e logo teve que trabalhar. Frequenta a feira de Palmeira há 40 anos, desde que se mudou para a cidade. Reside na zona rural de Palmeira e todo final de semana se desloca para a zona urbana. Já é aposentado, mas continua trabalhando como agricultor para permanecer ativo e produzir os próprios produtos. Só vai para a feira do sábado e acorda às 5h para ir retornando para casa por volta de 8h. Diz que esse é o melhor horário, tem menos pessoas, menos confusão e os produtos ainda estão fresquinhos. Relata que gosta de ir à feira para conversar, se divertir, brincar com as pessoas e saber o que está acontecendo na cidade. Já vendeu na feira entre a adolescência e a fase adulta, mas não gostou da experiência e decidiu trabalhar como pedreiro, função que exerceu até se aposentar. Relata que houve muita mudança na feira depois do surgimento dos mercados, mas que só gosta da feira, deixando o “dia de mercado” para a filha que reside no município.

### **DONA GRAÇA DO ABACAXI**

Mulher, negra, 60 anos, feirante há trinta, estudou até a terceira série. Aposentada, mas alterna o trabalho entre agricultura e feira, tendo a feira como sua principal fonte de renda, desde seus trinta anos. Ela e o marido eram agricultores, mas só a agricultura não conseguia manter a família, por isso, decidiu vender na feira de Palmeira e, agora, mesmo aposentada, não consegue se manter apenas com a aposentadoria. Seus produtos são provenientes da própria roça e, quando estão em falta, compra de atravessadores. Reside em Palmeira e acorda às 2h da manhã para arrumar os produtos. Sai de casa sozinha por volta das 3h com um carrinho de mão até a feira. Os produtos comercializados por ela são expostos no próprio carro. Diz que não paga uma banca porque não tem condições. Afirma que, como vende poucos produtos, não compensa pagar a banca e os demais custos que tem, como sacolas, sacos e o espaço. Por isso, paga somente pelo espaço da feira. Quando retorna para casa é por volta das 14h, chegando a ficar até 16h30. Vende dia de quarta e sábado. Já trabalhou por 5 anos como doméstica em casa de família, mas acha o trabalho na feira melhor, mais sossegado.

### **DONA SOCORRO DA GOMA**

Mulher, negra, 61 anos, feirante, estudou até a terceira série. Frequenta a feira desde criança, pois sua mãe era feirante e levava ela com as irmãs mais novas para a feira. Comercializa há dez anos. Aposentada, mas precisa da feira para complementar a renda, pois tem muitos problemas de saúde e a aposentadoria não consegue arcar com todos os gastos. Já recebeu Bolsa Família. Reside na zona rural de uma cidade vizinha. Acorda às 4h da manhã e sai de casa por volta de 5h15 para pegar uma van e vir para Palmeira. Os produtos que comercializa são produzidos pelo marido e, em alguns períodos do ano, como fevereiro e março, não vende na feira ou vem poucas vezes, pois é o período em que faltam produtos na sua roça. Precisa retornar para casa às 11h, mesmo que ainda não tenha vendido tudo, pois é o horário que sai a última van que vai até a localidade que ela reside. Não possui cadastro de feirante, vende sentada em uma cadeira e às vezes coloca parte de seus produtos no carrinho de mão de Dona Graça do Abacaxi. Atualmente, paga para um carroceiro levar os produtos da van até a feira e pelo espaço. Já foi retirada do seu antigo ponto para que feirantes com banca pudessem se instalar no local. Só comercializa aos sábados. Mais pessoas da sua família comercializam na feira.

## **DONA MARGARIDA DA FARINHA**

Mulher, negra, 65 anos, viúva. É, ao mesmo tempo, compradora e auxiliar da irmã, Dona Socorro da Goma. Estudou até a terceira série. Reside em Palmeira há quarenta anos e vai para a feira para comprar, encontrar e ajudar as irmãs a venderem. A irmã mais velha delas vende na rua mais acima. Vendia na feira antes de residir em Palmeira. Aposentou-se aos 65 anos, graças à política pública de Assistência Social. Recebia benefício do Programa Fome Zero. Mora sozinha e a feira é o único lugar que tem ido ultimamente. Gosta de vender e interagir com os feirantes e fregueses, contando causos da feira. Alterna entre as bancas das irmãs e, geralmente, fica vendendo enquanto uma delas precisa resolver alguma coisa.

## 5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste capítulo, são apresentados os resultados obtidos através da análise de conteúdo. Durante o processo de análise das entrevistas, busquei examinar os eixos que se destacaram e organizá-los em categoria temáticas. A primeira delas se intitula “*Trabalho na velhice*” e a segunda “*A relação da feira com a velhice*”. Embora estejam correlacionadas, para facilitar a compreensão e com a finalidade meramente didática, elas serão apresentadas separadamente a seguir.

### 5.1 Trabalho na velhice

Nessa categoria, discuto sobre os sentidos e os significados atribuídos ao trabalho pelos idosos entrevistados, analisando a relação que o trabalho tem com o processo de envelhecimento. Para além disso, também são analisados os contextos socioeconômicos e as implicações sociopolíticas que o trabalho tem para os sujeitos da pesquisa durante sua vida, especialmente agora na terceira idade. Nos dados analisados, foi possível encontrar e perceber semelhanças entre a importância do trabalho para eles e as discussões acerca deste tema proposto nos capítulos anteriores dessa pesquisa.

#### 5.1.1 *Os sentidos e significados do trabalho para idosos*

Ir à feira implica, necessariamente, encontrar relações de trabalho, uma vez que a principal função dela é a venda e compra de mercadorias. Entretanto, não é comum encontrar como comerciantes figuras idosas, o que é um diferencial na feira de Palmeira dos Índios. Nas narrativas deles, o trabalho desempenha papel fundamental, de modo que alguns não veem suas vidas separadas do trabalho, nas palavras de Dona Maria da Melancia “ [...] *mas eu gosto de trabalhar, é um jeito de mim mesmo, nem sei e nem gosto de ficar sem trabalhar*”. A narrativa dela corrobora com o que foi posto por Simone de Beauvoir (1990), quando a escritora afirma que mulheres, quando chegam na velhice, não ficam ociosas, uma vez que, durante sua vida, essas atrelam o trabalho a sua existência, de modo que são simbióticos, buscando na velhice, formas de continuar o trabalho para dar sentido a existência.

Isso é perceptível na história da Dona Maria, uma vez que seus filhos já tentaram tirá-la da feira por causa da sua idade, mas ela não cedeu inteiramente. A pedido deles, parou de comercializar em outras cidades, mas continua insistindo e mantendo-se na feira de Palmeira. Nas suas palavras:

*[...] tem 28 anos que estou aqui e continuo na feira e os filhos quer me tirar, mas eu digo que é meu divertimento, é meu trabalho e não quero deixar nem tão cedo, quero viver [...] já dei feira fora, já dei feira em Pão de Açúcar, já dei feira no Estrela, mas a idade foi chegando e os filhos não quer mais que eu vá para longe, aí eu tô por aqui.*

Por um lado, percebo na história de Dona Maria marcas de resistência de um corpo que, aos olhos sociais, deveria repousar, descansar, tirar o tempo da velhice para o descanso e desfrutar da aposentadoria. Entretanto, na sua vasta experiência, ela utiliza dos mesmos mecanismos utilizados em práticas da feira para negociar com seus filhos a sua permanência, criando estratégias para se manter feirante, uma vez que associa isso ao seu divertimento. Como posto por Rufino (2019), entre as possibilidades de sair totalmente da feira ou permanecer nelas, a Dona Maria cria para si uma nova possibilidade, lança-se em um cruzo, sai de algumas, mas não deixa de vender totalmente, em um jogo de traquinagem e negociação que, por ora, deixam todos de acordo.

Mas a Dona Maria não é a única a resistir e ver o trabalho como seu divertimento. Nas andanças da pesquisa, encontrei a Chiquinha do melão, uma senhora de oitenta e três anos, que desde os seus oito vende na feira. A sua motivação para ainda continuar na atividade é somente uma: a vontade de trabalhar. Conta que sempre trabalhou muito e nunca se apegou a vícios para o seu divertimento, logo, o trabalho como feirante se tornou o seu divertimento e, quando questionada se pretendia parar de vender, respondeu que “*enquanto eu tiver saúde, eu vou vender*”.

Também não é a única a associar a saúde ao trabalho. Dona Graça do Abacaxi também falou no mesmo sentido. Na entrevista, ela disse:

*[...] Enquanto Deus me der saúde, eu vou trabalhar [...] Hoje em dia me perguntam: “a senhora já se aposentou, por que ainda gosta de trabalhar?” porque Deus me deu saúde para eu trabalhar e porque foi onde eu andei tanto atrás de ganhar meu dinheirinho, do meu quilo de açúcar, do meu pão. Aí me sinto arrumada, dia ruim seria eu passar fome [...]*

Nessas duas experiências, pude perceber elementos de uma memória do trabalho (Bosi, 2001) para dar sentido a sua vida e para continuar trabalhando. Através da lembrança, as atividades desenvolvidas ao longo da vida são suscitadas, memórias estas que trazem uma

história social por trás de suas palavras anunciadas. Em ambas as histórias, suas vidas foram desde cedo marcadas pelo trabalho. Na história de Dona Graça, o trabalho surge como alternativa às suas dificuldades sociais. Logo, remete-se a ele como uma forma de agradecimento por tanto lhe ajudar e espera ter saúde para continuar trabalhando.

Para essas mulheres, o trabalho aparece como um elemento insubstituível para a construção de suas identidades. Recorrendo à literatura de referência, percebo um alinhamento ao que aponta Hoffmann-Horochovski (2008, 2010). Em seus estudos sobre trabalho na velhice, essa autora indica que idosos veem na produtividade do trabalho uma forma de se perceberem pertencentes e inclusos na sociedade, uma forma fundamental para se sentirem vivos e úteis.

Nesse momento, um outro personagem da pesquisa aparece. O Seu Zé do Feijão, diferentemente das mulheres, não trabalha na feira, apenas a frequenta. Entretanto, a sua vida é atravessada pelo trabalho e mesmo aposentado, decidiu continuar trabalhando todos os dias e tem a percepção que cada um vivencia a velhice de uma forma. Em suas palavras...

*A velhice quem faz é a pessoa, porque eu tô com essa idade, acordo todo dia de 4h, trabalho até 18h, todo dia, de sábado a sábado. No sábado e domingo vou para outro terreno. Agora a pessoa porque envelhece vai e diz: “não vou trabalhar não, que eu tô aposentado”, fica só numa cadeira, aí a velhice toma conta. Eu acho que é isso, depende de cada pessoa, a pessoa tem que arrumar o que fazer, não deixar a barriga crescer (risos). Quando tá ativo, é outra saúde, a pessoa tem que suar. Não sei se você já prestou atenção na roupa, depois de uns dois dias a roupa tá branca do suor, aquilo significa que eu tô colocando para fora pelo suor o que fica dentro da carne, do sangue da pessoa, por isso que eu digo, quem faz a velhice é a pessoa.*

A partir desse fragmento é possível fazer várias inferências. A primeira delas, é que a aposentadoria não significou uma reclusão após uma vida marcada pelo trabalho. Como posto por Hoffmann-Horochovski (2010), a ruptura com uma vida de trabalho traria danos irreparáveis, sem saber administrar a ociosidade, pois em suas vidas não foram preparados para tal. Seu Zé tem uma aversão à ideia da ociosidade na velhice, acreditando que ficar parado é o que faz a velhice se apossar do corpo.

Sua vida foi marcada pelo trabalho e fato curioso é que, depois que se aposentou, deixou seu trabalho de pedreiro, que desenvolveu ao longo da vida, pois não tinha condições físicas e a família não aprovava mais. Por isso, foi morar na zona rural. Lá começou a ser agricultor, a cultivar produtos e consumir e dar para as outras pessoas que o visitam. No nosso encontro, relatou que já era sua terceira roça de milho e que ainda não tinha comido a primeira espiga, tinha dado para as pessoas. Ele e sua esposa fazem questão de dar os produtos que cultivam e sair de suas casas sem algum produto é uma grande ofensa para os dois. Isso foi, inclusive,

comprovado por mim, que ganhei espigas de milho, feijão de corda verde e macaxeira, e ainda assim, eles ficaram preocupados porque não comi nada enquanto estava na casa deles.

Posso compreender o ato de trabalhar e doar a mercadoria como um ato afetivo, mas também uma forma de se sentirem úteis e que estão contribuindo socialmente com o seu grupo. É através da sensação de utilidade que preservam as suas identidades (Hoffmann-Horochovski, 2008). No caso de seu Zé, ficar na cidade torna a sua vida passiva, sem um sentido, uma vez que, tanto ele quanto a esposa, não teriam o que fazer e ficariam sob responsabilidade e dependência da filha deles. No sítio, o casal se sente autônomo, passam o dia ocupados com os afazeres domésticos e da roça, encontrando através do trabalho uma forma de estarem ativos e, conseqüentemente, vivos.

Outra inferência feita a partir da fala do seu Zé é a multiplicidade de velhices. Ao falar que cada um quem faz a própria velhice, posso perceber na sua narrativa uma visão heterogênea do processo de envelhecimento. Como posto por Costa, Costa e Poltronieri (2017), mesmo sendo um processo biológico, a velhice é atravessada por questões de gênero, de raça, de classe social, por questões culturais e históricas e por isso, não se pode trabalhar e imaginar uma velhice homogênea para todos os sujeitos.

Diante disso, o sentido do trabalho para os idosos não podem ser vistos apenas como forma de divertimento e pertencimento social. Muitos deles, infelizmente, tiveram suas histórias de vidas marcadas por exclusão e desigualdade social e isso, reflete hoje em seus processos de envelhecimento, de modo que o trabalho ganha outro sentido para estes sujeitos.

Isso implica pensar, necessariamente, que existe uma ética do trabalho que explora os corpos até o final de suas vidas, projetando socialmente, a ideia que a ociosidade ou até mesmo a recusa pelo trabalho após a aposentadoria seja vista de forma pejorativa. Assim, demarca a necessidade de uma atividade laboral, em uma lógica de permanecer ativo e aproveitar o bem viver da terceira idade, mas que na verdade trata-se de uma forma de explorar economicamente o sujeito até o esgotamento da vida.

Sendo assim, a próxima subcategoria apresenta e discute as implicações sociais e políticas do trabalho para os idosos da pesquisa e como estas reverberaram a partir das condições sociais que estes sujeitos estiveram inseridos ao longo de suas histórias de vida.

### 5.1.2 Contextos socioeconômicos e as implicações sociopolíticas do trabalho

Conversar com os velhos é a possibilidade de conhecer um pouco de suas histórias e tentar imaginar, a partir de suas falas, os caminhos que o levaram até o momento atual. Realizei seis entrevistas com pessoas totalmente diferentes, com idades, gênero, raça e histórias de vidas diferentes. Por meio da pesquisa, pude conhecer um pouquinho da história de cada velhice. Nas histórias, muitos caminhos diferentes, mas tiveram alguns que foram comuns entre todos eles. É sobre esses caminhos que irei debruçar a partir de agora.

O baixo acesso à educação foi um marcador forte encontrado em todas as histórias. A escolaridade máxima encontrada foi até a terceira série do ensino fundamental para aqueles que ainda conseguiram acessar a instrução formal. Muitos só sabem assinar o próprio nome. Entre as principais motivações para não estudar está a concepção do período histórico que eles viviam de que o lugar da criança era no trabalho e não na escola. Outros, aliado a isso, tiveram suas vidas marcadas por problemas familiares e sociais, que não foram auxiliados por meio de políticas públicas.

Dona Socorro, uma das poucas entrevistadas que conseguiu estudar até a terceira série, relatou que “*naquela época não era como hoje. Hoje, lugar de criança é na escola. E na época que fui criada, o lugar de criança era na roça*”. A história de seu Zé parece com a dela. Ele ia para a escola escondido do seu pai, que não aceitava que estudasse. Afirmava que lugar de homem era trabalhando e não na escola. No nosso encontro, ele narrou detalhadamente isso:

*Eu estudei pouco. Nunca tive fuga de estudar. Pra você vê, quando eu comecei o ABC, naquele tempo era muito atrasado, quando eu chegava em casa era uma pisa do cancro porque eu tinha ido para escola. Ai pronto, quando eu estava maiorzinho meu pai adoeceu e eu tive que trabalhar para sustentar a casa e foi o tempo que vim pra cá. Ai, me formei numa formatura apulso, e meu pai morreu e foi ai que tive que trabalhar mesmo. Trabalho como agricultor agora depois que aposentei, mas antes era pedreiro. Trabalhava de pedreiro pelo dia e a noite era nas padarias. Minha vida foi toda assim, só de trabalho.*

Através desses fragmentos de entrevista, percebo o quanto o trabalho entra numa conjectura de retirada de direitos e acessos e como reflete a construção social, histórica e cultural da época. Na vida do seu Zé, o trabalho se tornou uma obrigação logo cedo, com a morte precoce do seu pai, a responsabilidade de manter a família passando para ele, que ainda jovem, trabalhava em duas ocupações diferentes, sem tempo e condições para desfrutar de outras oportunidades e esferas sociais, como lazer e educação. Do mesmo modo, percebo como

eram precárias e, na maior parte do tempo inexistentes, políticas públicas direcionadas a corrigir essas injustiças.

A partir desse marcador da educação, é possível associá-lo com as atividades laborais que os idosos desenvolveram ao longo de suas vidas, uma vez que precisavam garantir a sobrevivência. Conforme apontado por Rezende (2008), a ocupação em atividades informais – como a feira, a agricultura e construção – se torna uma das poucas oportunidades que muitos trabalhadores sem escolaridade encontram para obter renda e garantias de sobrevivência. De modo frequente, o mercado informal das feiras não exige uma qualificação formal. Estes sujeitos, que desde cedo tiveram que se dedicar ao trabalho e, conseqüentemente, não costumam ter tempo e oportunidades para o estudo, encontram nos espaços públicos da feira formas para continuar com as suas atividades de trabalho.

Ainda percorrendo os caminhos das condições sociais, encontrei na história de Dona Maria a passagem geracional do trabalho na feira como forma de garantir o sustento de famílias e os papéis sociais desenvolvidos pelas mulheres. Histórias familiares que aconteceram em épocas bem diferentes e distantes, mas que continuaram sendo reproduzidas por falta de condições econômicas e sociais. Dona Maria narrou o seguinte:

*Minha mãe foi feirante por muitos e muitos anos. Não cheguei a acompanhar ela na feira. Quando ela se separou do meu pai, e botou para ser feirante, eu já era casada, casei com 16 anos. No ano que me casei, eles se separaram e ela botou para ser feirante para acabar de criar os filhos no sítio, aí se tornou feirante. Depois quem ficou sendo feirante só fui eu [...] eu vendia um tempo e parei. Vendi uns 5 anos e parei, depois que eu me separei do meu marido, há 28 anos atrás, eu voltei para feira [...] voltar para a feira foi por uma necessidade, depois que divorciei fiquei com uma parte dos filhos, os que eram solteiros, aí eu voltei para a feira para ajudar eles, aí não sai mais, ainda hoje estou [...] Antes de eu me aposentar, eu vinha muito para a feira dia de sábado, para sobreviver, quando eu me separei.*

Na história de Dona Maria e sua mãe, vejo o papel social desenvolvidos por essas mulheres. A mãe dela, depois do divórcio, teve que comercializar na feira para conseguir sobreviver e manter os filhos, que ficaram sob sua responsabilidade. Anos depois, a história se repetiu, mas dessa vez, a dona Maria como a personagem principal. Cruelmente, a sociedade impõe papéis sociais para as mulheres: o papel de cuidar, de ser a base da família, como se fosse estritamente uma função feminina.

Após a separação, essas mulheres viram no trabalho da feira a única alternativa para solucionar os problemas que enfrentavam. Na sua pesquisa sobre saúde mental dos feirantes, Maria Primo (2023) aponta como a interseccionalidade rebata de formas diferentes na saúde desses sujeitos, entre ela, as questões de gênero. De acordo com a pesquisadora, são definidos

papéis sociais e atividades às mulheres que refletem diretamente naquilo que elas podem experimentar ao longo da vida, de modo que suas vivências são estruturalmente distintas das experienciadas pelos homens, o que pude observar nas histórias contadas por Dona Maria.

Todos esses diferentes caminhos das trajetórias de vidas levaram ao encontro desses corpos na feira. E, ainda que alguns após a aposentadoria se dirijam para a feira para o divertimento, uma parcela significativa da pesquisa precisa vender para conseguir sobreviver e manter a família. É o caso da Dona Graça do abacaxi e da Dona Socorro da goma. Vou começar pela história da Dona Graça.

Ela e seu esposo eram e ainda são agricultores. Ambos não tinham salário e ela decidiu que iria comercializar o que produzia em casa para comercializar na feira e assim ajudar na renda da casa. De lá para cá, trinta anos se passaram. A aposentadoria chegou, mas as condições de vida não melhoraram significativamente a ponto de Dona Graça ter a possibilidade de escolher se quer ou não permanecer vendendo. Na própria narrativa dela:

*A feira é a minha principal fonte de sustento. Desde os meus trinta anos que é. Nem eu e nem o marido era assalariado, foi assim que criemos nossos filhos [...] preciso da feira para me sustentar. Fiz um empréstimozinho para ajeitar a minha casa, aí preciso do dinheiro da feira para ajudar, porque só a aposentadoria não dá.*

Por mais que goste de trabalhar como feirante, parar depois de aposentada, por ora, ainda não é uma opção para ela, que narrou:

*Mas eu gosto de vim vender, é uma ajuda. Ajuda no meu salário pra eu comprar as minhas coisinhas. É só a aposentadoria pra tudo, aí se eu for esperar, vai faltar as coisas. Quando eu era nova eu trabalhava para não passar necessidade e não é agora que tô aposentada que vou deixar para tá passando necessidade. Então, vou para a feira trabalhar.*

Dentre suas possibilidades atuais, ela vê-se deixando o trabalho na feira apenas quando o marido aposentar: “*aí vai estar os dois aposentados, aí talvez eu pense em parar. Mas enquanto não, minha fia, eu fico. É só um salário pra tudo, meu marido não é aposentado nem trabalha, só na roça mesmo*” (Dona Graça).

Outro fato curioso é que, na sua narrativa, é presente a associação do trabalho somente a atividades que sejam formalizadas em carteira de trabalho. Tal situação também foi perceptível quando ela me disse que trabalhou assalariada em casa de família e até hoje a patroa pede para ela voltar, mas ela diz que está velha e não aguenta mais trabalhar. Entretanto ela trabalha arduamente na feira das 2h, que é quando acorda, até as 16h30, horário que retorna para casa. Essa percepção pode estar associada ao fato que, no mundo do trabalho, a carteira assinada tem grande representação, uma vez que oferece e garante ao trabalhador segurança e

reconhecimento dos direitos trabalhistas (Almeida, 2015). Como ela e o esposo trabalham por conta própria na agricultura e na feira, sem carteira de trabalho, conseqüentemente, se percebe como sujeitos sem garantia de direitos e benefícios sociais oportunizados pelo trabalho formal. Assim, a atividade que exercem, por mais que seja exaustiva e demandem seu tempo, não é vista como trabalho.

Junto aos produtos comercializados por Dona Graça encontrei também os produtos de Dona Socorro. E não é somente o local da exposição das mercadorias que compartilham, mas as motivações para estar na feira também. Dona Socorro é filha de feirante e cresceu frequentando esse espaço. Tanto que não se lembra com quantos anos começou a ir à feira. Sua relação com a feira permaneceu em todo o seu desenvolvimento e começou a vender para ela mesma, vendendo o que colhe de suas plantações. Diferentemente das outras feirantes, quando ela não tem produto de sua plantação, ela não compra mercadorias de atravessadores, por isso, é comum ficar alguns períodos sem vender. Assim como sua amiga, Dona Socorro da Goma relatou que precisa do trabalho para sobreviver. Nas suas palavras:

*Agora eu estou aposentada, mas tenho que inteirar, tenho problema de saúde, problema de pressão, e aí preciso inteirar, só a aposentadoria não dá conta não. Tenho muitos problemas de saúde, mas mesmo assim ainda dá para continuar, o marido ajuda a colher e eu venho vender. Se parar é que a pessoa fica doente, gente acostumada assim [...] porque quando eu não era aposentada, era complicado, tinha o bolsa família, mas mesmo assim precisava da feira e você tendo problema de saúde complica ainda mais.*

Nessas duas histórias, pude perceber como o descanso e o tempo livre para usufruir a aposentaria não são uma realidade vivenciada por todos os idosos. Para os/as participantes da pesquisa, o trabalho informal na feira continua sendo suas fontes de sustento, uma vez que a aposentadoria não consegue arcar com todas as despesas pessoais, de saúde e da família. Fato similar foi encontrado por Almeida (2015). Ao traçar o perfil dos feirantes de seu estudo, essa autora encontrou um número elevado de idosos que tinham como motivações para a permanência na feira exatamente o fato da aposentadoria não assegurar o sustento total, assim como a representação do trabalho como símbolo de sentir-se ativo.

Sem esgotar as problemáticas sociais sobre o trabalho informal realizado pelas idosas participantes, é importante discutir que mesmo todas estando na mesma feira, as relações de trabalho informal são vivenciadas de formas distintas. Das quatro feirantes entrevistadas, apenas uma delas possui barraca para vender. As demais criaram as próprias estratégias para comercializar sem uma barraca, ora dispondo a mercadoria em um carrinho de mão, ora espalhados em bacias pelo chão. Outro fato que me chamou a atenção é que em alguns períodos

houve o cadastro para ser feirante, mas este não é cobrado atualmente. Dentre as quatro, apenas uma delas não tem o cadastro e foi justamente essa que perdeu seu ponto de venda para feirantes que possuíam banca. Hoje em dia, ela e as demais entrevistadas pagam apenas pela ocupação do espaço.

*Já vendi daquele lado, aí depois o pessoal botou uma banca. Aí esse canto estava desocupado, aí vim e fiquei, já tem uns 10 anos que vendo aqui.[...] eu pago o chão e o carroceiro para trazer até aqui. Tenho cadastro não [...] fui eu mesma que escolhi. O fiscal chega, cobra e eu pago direitinho, porque eu pagando, outro já não pode tomar a minha vaguinha. Se eu não pagar, outro pode chegar, aí pago direitinho todo sábado (Dona Socorro).*

Através da narrativa de Dona Socorro e das observações, percebo que elas estão em condições sociais desiguais, ainda que dentro de uma categoria de trabalho informal, que por si só, já lhe retiram vários direitos sociais. Como posto por Cunha (2009), o episódio de despejo da Dona Socorro representa o quanto existem sujeitos que estão fora da ordem do direito do trabalho. Logo, são suscetíveis a repressões, especialmente para aqueles que não tem cadastro ou não pagam tributos para ocupar o espaço da feira. Do mesmo modo, é possível ver a precariedade do trabalho ao qual estas senhoras estão expostas, como condições de trabalho insalubres, com falta de banheiros públicos e falta de estrutura (Almeida, 2015). Sobre essas condições de trabalho na feira de Palmeira, Dona Maria aponta que: *“acho aqui desorganizado, mas fazer o quê? Tem que se acostumar, a gente não pode mudar as pessoas, a gente às vezes é que tem que mudar, enxergar o outro da maneira que ele é”*.

E nessas adaptações, novas relações com e na feira são postas para os feirantes idosos e seus frequentadores, criando novas configurações para além do comprar e vender. Essas percepções e relações dos idosos com a feira livre serão apresentadas e analisadas na próxima categoria analítica.

## 5.2 A relação da feira com a velhice

Pensar na feira é associá-la com os processos heterogêneos da velhice. Digo isso porque, antes de mais nada, a feira é uma senhora velha. Ela vivencia em diferentes contextos históricos, sociais, políticos e, mesmo diante das tentativas de aposento da feira e substituição pelos “jovens” supermercados, ela resiste e se entrelaça a diferentes histórias de vida, que tem percepções e vivências únicas relacionadas ao viver a feira. Diante disso, a feira se torna singular, não só em suas características externas, mas também única nas relações que estabelece

com os sujeitos idosos desta pesquisa. Isso posto, vou analisar nesta categoria quais são essas relações a partir das narrativas e histórias de vida.

Frequentar a feira há muitos anos é viver juntamente com ela e passar por processos de mudança. Aos olhos de quem está de fora, a feira parece ser a mesma, mas, para as senhoras e senhores, existe em suas lembranças memórias de uma feira que hoje em dia não existe mais. São anos se mudando geograficamente, como um jogo de dança, acompanhando no embalo de cada ritmo mudanças políticas, econômicas e sociais. A esse respeito, consideremos o que afirma uma das participantes:

*Eu vendia lá em cima, aí a feira desceu para cá, aí me colocaram aqui no meio. Depois foi para o lado de lá, aí depois do lado de lá teve a mudança de prefeito, aí me botaram para o lado de cá, aí depois que eu fiquei aqui eu não saí mais (Dona Maria).*

Entre mudanças de governo municipal, percebo tentativas de padronização da feira, de realocar os feirantes, padronizar as barracas e instituir uma disciplina na organização, para legitimar os mecanismos de biopolítica aos corpos sociais que a frequentam (Foucault, 1979). Ao mesmo tempo, as feiras sofreram diante do surgimento dos supermercados, que pela ótica disciplinar, são vistos como higiênicos, padronizados e organizados. Essas mudanças foram sentidas e indicadas por Seu Zé do Feijão:

*Era muito diferente. Depois que chegaram os supermercados a feira acabou. A feira era topada, era de canto a canto, no sábado e na quarta. Mas quando chegou os mercados, metade do povo vai fazer as compras no mercado e a feira fica só o fuzuê mesmo (risos). A feira antes era muita gente, muita gente mesmo, todo sábado e toda quarta, a feira era grande, cheia, começava daqui e ia até lá pela Caixa econômica, tudo era uma feira só. Os produtos eram os mesmos de hoje, mas em tamanho ela era maior e mais quantidade. Hoje o pessoal só procura os mercados.*

Mesmo diante das mudanças e transformações da feira, o Seu Zé não deixou de frequentá-la. Entre as motivações, aponta o preço baixo, a qualidade e variedade dos produtos frescos e a relação de freguesia que estabeleceu com alguns feirantes. A relação desse senhor com a feira exemplifica como as motivações de frequentá-la extrapolam as relações comerciais. Durante a entrevista, narrou que já foi feirante por um período de mais ou menos cinco anos, mas que odiou essa experiência e decidiu abandonar para não mais precisar voltar. E assim o fez. Entretanto, nunca deixou de frequentar e nem pretende, uma vez que é por lá que ele estabelece relações de amizade e sociabilidade.

Seu Zé não é o único. Na verdade, as relações de sociabilidade e afetividade atravessaram todas as histórias contadas e os registros das observações. São relações de

amizade, companheirismo e cooperação entre feirantes, sociabilidade e carinho entre feirantes e fregueses, além de tradições familiares e relações de cuidado encontrados pelas andanças da pesquisa. Vou me debruçar sobre algumas dessas histórias.

*Avistei três mulheres em uma banca que tinha poucas mercadorias. Duas delas aparentemente tinham mais de 60 anos. Resolvi ir até lá [...] logo as três começaram a falar comigo sobre suas experiências com a feira. Regadas a risos e debulhadas de feijão, elas me contaram que eram amigas de feira, que se conheceram lá e que mantinham esse costume. Nenhuma delas se conheciam antes da feira, foi no processo de compra e venda que se conheceram. As outras duas iam para comprar, enquanto a outra comercializava na feira há anos. Nesse jogo de compras, pediam para guardar a feira na banca desta senhora e por aí começaram a amizade. Hoje em dia, elas vão a feira para comprar seus produtos e ficar na banca com a outra senhora que vende. Nenhuma delas recebe para vender junto, ficam simplesmente pela amizade e companheirismo uma com as outras, e enquanto vendem e debulham o feijão, conversam e riem sobre a vida, como elas disseram, vão à feira ficar com amiga para se divertir. Quando questionei o que a feira era para a vendedora, ela disse que era a feira era a terapia dela, era lá que ela fazia amigos e se divertia, que a feira a ajudava a enfrentar a vida de uma forma mais leve (Fragmento do diário de campo, 05/08/2023).*

A partir desse fragmento, percebo os encontros que a feira permite. O primeiro deles é a facilidade que os feirantes têm de se comunicarem com os passantes e possíveis fregueses. A pesquisadora, uma total desconhecida para essas senhoras, a partir da conversa logo ficou a par das relações estabelecidas por elas. Do mesmo modo, o modo de falar e as conversas feitas oportunizaram uma nova forma de amizade: a amizade da feira. Realizei mais encontros com essas senhoras e descobri que o contato delas acontece exclusivamente naqueles instantes de compra e venda. Elas não são amigas que se encontram em outros espaços da sua vida. Esta mesma relação de amizade foi encontrada noutros relatos de pessoas entrevistadas também, como Dona Socorro e Seu Zé: “*A gente só se encontra na feira mesmo, nossa amizade e contato é na feira. Celular até tenho, mas não sei mexer [...]*” (Dona Socorro); o mesmo acontece com seu Zé, que “*tem muitas amizades e só encontro eles na feira, moram por aí e o dia de encontrar é na feira*”.

Para esses idosos, ir à feira é estabelecer e encontrar novas amizades, criar uma rede de interações, que lhe permitem continuar ativos e se divertindo, uma vez que os espaços de sociabilidade diminuem a partir da velhice. Na feira não há regras de como essas relações precisam ser estabelecidos, cada um tem a liberdade de ir e vir, transitar por todos os seus espaços e começar uma relação de amizade a partir de perguntas simples: “*cadê o mamão? Tá bom, tá prestando? (risos), aí ele [vendedor] já começa a rir* (Seu Zé do Feijão).

E não é porque esses encontros acontecem apenas na feira que faz com que esses vínculos sejam superficiais. Na verdade, são vínculos que podem ser considerados mais verdadeiros que muitas relações que eles estabeleceram em outros âmbitos de suas vidas. Para Dona Maria, a amizade que ela construiu na feira se transformou em uma fraternidade, a qual ela tem total confiança.

*Foi uma amizade muito séria a minha com ela, uma amizade de confiança, que eu saio da banca, se for preciso eu vou para casa e ela passa o dia todo. Ela é minha pessoa de toda confiança, é mesmo que ser irmã para mim. Nós se conhecemos aqui e aqui estamos (Dona Maria).*

Para esses idosos, o universo das feiras livres é lócus da sociabilidade, uma vez que nos encontros oportunizados por elas, se estabelecem relações de solidariedade, amizade e até mesmo parentesco. Dessa forma, além da compra e venda das mercadorias, a feira também se configura para os sujeitos como pontos tradicionais para o encontro de amigos ou colegas, performando nesses espaços diferentes ações da vida social, o que garante a feira uma identidade e permanência (Araújo, 2012).

Esse espaço que permite as relações socioafetivas e interações cotidianas adquire para os sujeitos dessa pesquisa um caráter positivo. Pontes (2012) afirma que os laços afetivos construídos na feira carrega consigo significações, visto que os encontros possibilitam a troca de experiências e opiniões, e essa troca auxilia na transformação subjetiva de formas de pensar que, conseqüentemente, podem instigar a capacidade de agir.

A confiança também se lança sobre a relação entre feirante e freguês. Sem nenhuma anotação ou garantia além do acordo verbal, eles comercializam e confiam em vender sem receber no mesmo dia. “*Eu tô aqui, mas se precisar e eu não for e disser que é pra mim, eles vendem, até mesmo sem dinheiro. O que eu precisar, eles mandam na hora, confiam em mim*” (Seu Zé). Nessa mesma direção, Dona Graça relata que é preciso estabelecer essa confiança, e que ela precisa partir necessariamente do freguês, mais do que necessariamente ela:

*Às vezes acontece deles não tarem com o dinheiro e eu vendo para receber na outra feira. É de boa, eu confio, essa moreninha mesmo que chegou agora quando ela não tem o dinheiro eu digo: não seja por isso, pode levar, tranquilo. A confiança é sua, não é nem minha, porque se ela não vier pagar, não compra mais depois, e a fama vai correndo, no outro sábado todo mundo já sabe.*

Tais formas de relação se dão através dos acordos tácitos passados entre feirantes-feirantes-fregueses. A feira é caracterizada pelo barulho da gritaria explícita, mas, há acordos e negociações que são transferidos nessa relação por meio do não-dito (Sato, 2007) e só são

perceptíveis a partir do momento que são executadas. Esses senhores vendedores criam suas próprias estratégias de negociação e comunicação entre seus companheiros, sem ser preciso usar de acordos formais para transferi-los. Acontecem ao longo tempo a partir da experiência no fazer parte da feira. Para quem não faz parte dessa trama, pode deixar situações passarem despercebidas, mas os feirantes tudo veem (Lucena; Germano, 2016). Exemplo disso foi vivenciado em um dos dias da pesquisa em campo.

*Um senhor chegou por trás da gente e eu nem percebi, só quando ela disse “hoje não”. Fiquei sem entender, e ele respondeu: no final da feira? e ela disse que também não, só na quarta-feira e olhe lá. Quando ele saiu, ela me disse que ele era um dos rapazes que ela comprava mercadoria e que ele estava atrás do dinheiro da mercadoria, mas ela não tinha e só pagaria na quarta-feira, dia que ela coloca a banca de novo na feira. A feirante do outro lado da rua logo começou a gritar perguntando se ela tinha pagado ao atravessador, diferente de mim, ela estava atenta ao que estava acontecendo ao redor, ao mesmo tempo que comercializava. Mesmo eu frequentando a feira, ainda sou uma estranha a este espaço e há acordos e percepções que só são perceptíveis por quem sabe e vive as regras da feira . (Fragmento do Diário de Campo, 19/08/2023)*

Além das relações de confiança e troca de regras tácitas, os idosos da pesquisa encontram na feira relações de cooperação com seus colegas de trabalho. Para Dona Graça, os outros feirantes “*são tudo amigo, irmão, todos me ajudam, eu ajudo eles e assim vamos trabalhando. Ajuda a debulhar feijão, a vender. As vezes a pessoa precisa sair e diz ‘olha aqui as minhas coisas’ aí eu vendo. É assim, nós trabalha assim*”. Como se percebe, embora a feira seja um ambiente naturalmente competitivo, é possível justapor a relação de cooperação, permitindo que seja possível um equilíbrio entre essas forças antagônicas (Sato, 2007), criando um novo caminho para que essas forças coexistam e se cruzem de modo positivo (Rufino, 2019).

Como se pode ver nos fragmentos de entrevista a seguir, através da cooperação, os idosos da feira encontram companheirismo e percebem que sua falta é sentida quando precisam se ausentar da feira. Falta essa que é sentida tanto por quem não vai, tanto por quem não encontra o colega. Sem o contato em outros âmbitos da vida, ficam no aguardo do reencontro na próxima feira.

*A Dona Graça ficou duas ou foram três feiras sem vir e eu já fiquei preocupada, sentindo falta, aí a vizinha disse que foi porque ela tinha vendido o [suprimido para evitar identificação] e foi para casa. Aí a gente fica mais aliviada sabendo que tá bem” (Dona Socorro).*

Situação similar foi apontada por seu Zé, que disse o seguinte:

*Vou direto, só quando dá uma gripe que eu não vou, mas eles já sentem falta, perguntam: ‘por que não veio no sábado, tava doente?’ (Seu Zê).*

Dessa forma, os vínculos de amizade criados na feira ultrapassam as relações de compra e venda, permanecendo nas lembranças afetivas e na saudade ocasionada pela falta de novos encontros (Pontes, 2012). A partir dessas formas de se relacionar, criam-se vínculos e novos processos de subjetivação, além do cuidado sobre si e sobre o outro como modo de viver (Batista; Guimarães, 2017). Assim, para os idosos da pesquisa, a feira pode ser percebida como um cenário para a vida cotidiana que permite diversos encontros e experimentação de múltiplos modos de se relacionar abertos ao novo e ao diferente, deixando uma marca nos encontros estabelecidos (Pontes, 2012; Batista; Guimarães, 2017).

Ainda sobre esse ponto, nesta pesquisa foi possível encontrar o que Pontes (2012) chama na sua pesquisa de lembranças e saudades do que foi experienciado, que ultrapassam as motivações da pesquisa. Nessas relações de amizade construída na feira, criam-se vínculos também entre a pesquisadora e os feirantes. As conversas fora do roteiro, como questões da própria saúde, dificuldades sentidas em casa, filho com problemas de saúde e hospitalizado emergem nos encontros, criando vínculos e memórias afetivas entre os envolvidos, assim como, a demanda por próximos encontros para o compartilhamento de novas experiências. Nas palavras de Dona Maria: *“sempre que você quiser vir para conversar eu tô aqui [...] olha ela, veio me ver, eu tô bem, minha fia, e meu filho já voltou para casa, graças a Deus. Como tá indo seu trabalho?”*

Outro elemento a ser apontado é como, sendo um fenômeno secular, é possível encontrar na feira gerações que cresceram e se desenvolveram conjuntamente, aprendendo e repassando o ofício entre gerações da família. Na pesquisa, encontrei duas de três irmãs que são feirantes e que aprenderam a vender com a mãe, que comercializou por muito tempo. Hoje todas elas são idosas e aposentadas, mas encontram na feira formas de existir e fortalecer os laços sanguíneos. Dona Socorro contou que se tornou feirante por causa da mãe:

*[...] mode a minha mãe, minha mãe era feirante, aí quando eu era criança, ela era feirante e trazia nós, eu vinha com ela de acompanhante, aí cresci e continuei sendo feirante [...] pegamos a tradição de nossa mãe. Pegamos da nossa mãe, ela só parou quando não deu mais pra vir mesmo. Até quando deu para ela trabalhar na feira, ela vinha. Em carroça de burro ainda mais, não era nem em carro [...]*

Sua irmã complementa a fala dizendo que, enquanto uma das mais velhas, precisava ficar em casa, cuidando dos afazeres e Dona Socorro como era uma das mais novas, sempre acompanhava a mãe. *“Ela vem desde nova, a mãe trazia ela novinha. Eu também vinha, mas*

*eu já era maiorzinha. Eu tinha de 14 a 15 anos, aí ficava em casa com os mais novos para cuidar. A que menos andou do sítio para a feira fui eu, mas elas cresceram assim com a mãe”* (Dona Margarida da Farinha).

O que torna curiosa a relação dessa família com a feira é o fato dela ser o palco dessa relação. Elas moram em cidades diferentes e, obrigatoriamente, em um acordo afetivo, todos os sábados se encontram na feira para ajudar uma à outra e ver como estão. *“Eu tenho quase quarenta anos que moro aqui, mas todo sábado tenho que vir na feira ver ela [Dona Socorro] É aqui que a gente se dá sinal de vida. Até hoje minhas meninas ligam perguntando se eu vim ver ela e como é que ela tá”* (Dona Margarida). Essa família que se criou vivendo na feira, tem marcas e histórias com aquele espaço que ultrapassam o sentido comercial e de sobrevivência, carregando uma identidade da feira como parte da família.

Apesar de estar analisando a feira a partir de uma ótica mais afetiva, é preciso pensar o porquê de ela se enquadrar como este local social e fazer uma crítica à nossa própria sociedade e os espaços que elas disponibilizam para que os sujeitos velhos possam se divertir, trocar experiências, conhecer novas pessoas. Na pesquisa, notei que os espaços reservados para os idosos são limitados, variando de suas casas, à igreja e a feira. *“Gosto de vir para feira, é o único lugar que tô vindo, nem para igreja tô indo mais, só saio de casa para aqui”* (Dona Margarida). Ainda sobre a falta de espaços para sociabilidade da terceira idade, Dona Socorro e Dona Margarida falam da sua irmã mais velha, que encontra sentido na existência frequentando a feira e as caravanas religiosas de Juazeiro do Norte. *“Ir para a feira ajuda bastante [no envelhecimento]. A minha irmã mesmo, a que tem 70 anos, se tirar ela da feira eu acho que ela arreia, é o único divertimento dela. É trabalho, mas ao mesmo tempo é divertimento, ela se distrai [...]”* (Dona Socorro, grifo nosso).

Dona Socorro narra que com o envelhecimento, chegam também as dores e problemas de saúde. Apesar do desejo de fazer as coisas, o corpo já não permite. Diante disso, o idoso pode ficar susceptível a uma depressão. Para ela, a feira ajuda nesse processo para não se fragilizar diante das mudanças ocorridas com a idade e também como uma forma de permanecer ativo para que as patologias não avancem com mais intensidade. Sem outros espaços que sejam tão benéficos para a saúde mental, eles recorrem à feira, local que não faz distinção e que de tudo pode se encontrar.

*Eu só quero a amizade, não é? Fica de banca em banca e faz aquela alegria. Em casa fica parado, sem ter o que fazer, só assistindo uma televisão velha, que só passa besteira e na feira a gente tem outras conversas, conversas novas, conversas bonitas. Na feira todo mundo tá liberto, entra, conversa, sai daqui, sai de acolá e assim vai. Eu gosto demais da feira, arruma muita*

*amizade de fora, fora assim... Rainha Izabel, Quebrangulo, Arapiraca, Igaci, esses lugares por aqui. Chega um na banca e começa a conversar com o vendedor e por aí vai a conversa (Seu Zé).*

Para cada uma das histórias narradas, uma relação diferente com a feira. Podem até ter histórias parecidas, mesmos sentidos atribuídos ao fazer a feira, mas a vivência é única, é singular, é intransferível. Cada idoso, em sua singularidade, tem uma história única com a feira. Para Dona Socorro, a feira é muito importante, é seu tudo, foi através dela que conquistou o que tem hoje; para a sua irmã, Dona Margarida, é uma tradição, e se sente triste quando não vai ou sente falta das suas amigas. Para ela, é preciso se apegar aquilo que você gosta, então ela se apegou à feira; para a companheira de espaço de vendas delas e amiga, a Dona Graça, a feira é o ganha pão, numa vida marcada por lutas por sobrevivência, foi isso quem a sustentou; para seu Zé, frequentador e freguês assíduo, a feira é seu divertimento, é por ela que sabe quais são as últimas notícias que estão acontecendo na cidade e vizinhança, é através dela que brinca e conhece gente nova; e por fim, para Dona Maria, a feira é “uma mãe” que ensina sobre as experiência da vida. Nela se conhece pessoas, se aprende a viver, é sobre o que é viver.

Chegado ao fim dessa discussão, essas senhoras e senhor, com suas histórias, me ensinaram sobre a feira, mas me permitiram conhecer um pouco sobre suas vidas. Histórias únicas que não podemos romantizar, muito menos se pretender à moralização sobre certo ou errado. São vidas únicas que sentem as marcas biológicas em seus corpos, mas trazem consigo marcas de um tempo, de pessoas com as quais conviveram, de relações que construíram, espaços que ocuparam ou que lhes foram retirados, de um contexto econômico, político e social que atualmente podem não mais estarem presentes. E tudo isso faz com que elas sejam quem são hoje, trazendo na memória lembranças do processo heterogêneo e psicossocial que é viver as velhices na feira livre de Palmeira dos Índios.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões oportunizadas pela presente pesquisa levam-me a pensar quais são os locais que o fenômeno social da velhice ocupa na sociedade como um todo. Com o prolongamento da expectativa de vida, está havendo o aumento demográfico da população idosa. Diante de um cenário mundial ainda não vivenciado, atualmente os olhares se voltam para a velhice. Todavia, a maioria das obras publicadas voltam-se para preocupações biológicas, sociais e econômicas, de como o Estado e a sociedade vão lidar futuramente com uma possível superlotação na saúde pública e na Previdência Social.

Nesse sentido, a crítica muitas vezes se faz para o olhar das consequências que o aumento da população idosa acarretará para a sociedade e não a preocupação com os espaços que esse público ocupa e quais são as formas de bem-estar e qualidade de vida que estão sendo oportunizados. São poucos os estudos que de fato se preocupam em pesquisar a percepção dessa população e a busca por melhores condições de vida.

Através dessa pesquisa, encontrei uma variedade de velhices e percepções sobre ela. Cada um/a dos/as entrevistados/as trouxe sua experiência e uma gama de vivências subjetivas sobre a feira e sobre o que é viver. Pelos dados produzidos, verifiquei que não se pode reduzir a velhice ao decaimento do corpo físico pelas patologias e muito menos caracterizá-la como época de ouro, de descanso e privilégios. Entre uma e outra concepção, encontra-se um espectro de velhices, que são vivenciadas de formas diferentes a partir do contexto histórico, social, econômico, político, cultural e outros marcadores, como gênero, raça e classe social.

A partir dessas multiformas de se viver a velhice, têm-se também diferentes formas de se relacionar com o mundo externo, entre eles, o espaço da feira. Por um lado, as motivações que os fazem frequentarem a feira encontram-se, na maior parte do tempo, no campo da necessidade. Isso porque são poucos os que tiveram o poder de escolha de estar ou não naquele espaço. Alguns, por mais que já estejam aposentados, ainda precisam trabalhar para conseguir arcar com todas as despesas familiares e garantir a sobrevivência. Nesses casos, visualizamos que a ideia de uma velhice como tempo de descanso, lazer e dedicação a atividades prazerosas está muito longe da realidade vivenciada por pessoas que completaram sessenta anos de idade ou mais.

Por outro lado, essa pesquisa também constatou que muitos idosos vão à feira em busca de divertimento, conhecer pessoas e sair de casa. Aparentemente, é uma coisa muito boa vermos que existe essa possibilidade de escolha para alguns deles. Todavia, quando analisamos quais

são os espaços na nossa sociedade que dispõem de uma estrutura pública para oferecer ao idoso momentos de entretenimento, lazer, descanso, educação e novas oportunidades, percebemos que a feira acaba sendo quase que exclusivamente esse espaço que possibilita que o idoso seja de fato um idoso. Então, a escolha pela feira livre encontra-se mascarada em uma falta de escolhas. A maioria dos espaços que eles relataram na pesquisa se referem à própria casa, à igreja e à feira. Nesse sentido, vejo como é urgente políticas públicas voltados para promover espaços em que esses sujeitos possam realizar trocas sociais e se sintam à vontade, uma vez que eles carregam um grande legado em suas histórias de vida e a sociedade tem muito o que aprender com eles quando se permitem o encontro.

Destaco, ainda, que muitos/as idosos parecem frequentar a feira motivadas pela necessidade de trabalho. Foram pessoas que, durante todo o seu desenvolvimento humano, tiveram uma relação direta com o trabalho, de modo que suas existências se definem assim. Por isso, ao chegar na velhice, não conseguem lidar com a ociosidade, veem o tempo livre como um problema para o envelhecimento. Parar significa deixar a velhice tomar de conta do corpo e com isso, vem a debilidade, a perda de autonomia, o isolamento, entre outros. Existe a vontade de continuar trabalhando e ter um papel ativo na sociedade. Mas também existe o medo de cair na velhice do senso comum, aquela que socialmente é difundida como período de degeneração do corpo e, conseqüentemente, da vida.

Assim, o trabalho na feira percorre, entre tantas possibilidades, uma forma de lidar com o processo do envelhecimento e uma forma lidar com os problemas socioeconômicos e políticos que foram vivenciados ao longo de toda uma vida. É importante frisar que a maioria encontrou na feira uma alternativa para garantir a sobrevivência em diferentes fases de sua vida, uma vez que suas histórias foram marcadas pela falta de educação, falta de emprego formal, falta de oportunidades. Ou seja, uma vida marcada pela ausência da assistência de políticas públicas, entre outras atividades essenciais.

Sei que feiras livres são um campo de trabalho informal e exemplo de atividade desenvolvidas em meio a risco de insalubridade, risco de danos a saúde e precarização de trabalho, mas não posso reduzi-las a isso. Existe uma gama de relação e belezas no viver a feira. A partir das histórias dessas senhoras e senhor, encontrei na relação deles com a feira relatos de amizade, formas de cuidado, distração e a construção de laços afetivos, tão importantes e profundas para a saúde mental dos envolvidos. Diante do próprio contexto, eles buscaram os próprios mecanismos para a promoção de sua saúde.

Pelas histórias de vida dessas seis pessoas, pude conhecer os processos psicossociais que eles experimentam na sua relação com a feira livre do município de Palmeira dos Índios.

Enquanto pesquisadora, pude conhecer, a partir das narrativas deles, o que é vivenciar a velhice em uma feira. Aqui, lanço a importância de nós, enquanto pesquisadores e pessoas que frequentam a academia, nos interessarmos por aquilo que é corriqueiro, ordinário, simples. Lembro-me que uma das senhoras, quando a convidei para a pesquisa, disse-me que aceitava, mas não sabia o que a sua vida simples e falta de estudos poderia ajudar alguém da Universidade. Na sua visão, e infelizmente ela não está errada, o saber científico e a Universidade estão longe dela. Não se vê como uma pessoa que tem algo a oferecer para uma prática que, ao longo do tempo, se fez tão distante das pessoas comuns.

Mesmo não sabendo em que contar sobre o seu dia a dia na feira poderia ter algum sentido ou ajudar de alguma forma, aceitou participar, vendo nisso uma forma de garantir para alguém aquilo que ela não conseguiu: poder estudar, entrar numa Universidade e concluir uma graduação. Espero que, enquanto ciência e profissão, a Psicologia se coloque nesses espaços do comum, do ordinário e tenha um olhar voltado para as diversas possibilidades do existir, alcançando sujeitos que, aos olhos da sociedade, são pessoas irrelevantes e, no caso dessa pesquisa, pejorativamente velhas.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Antonia Micaela do Nascimento. **Informalidade e precarização do trabalho: um estudo realizado com os feirantes do bairro canindezinho**. 2015. 88 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Serviço Social) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015.
- ALMEIDA, Juracy Armando Mariano de. **Sobre a Anamorfose: identidade e emancipação na velhice**. 2005. 251 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005. Disponível em: <https://sapientia.pucsp.br/handle/handle/17083>. Acesso em: 21 jul. 2023.
- AMBONI, Vanderlei. O mercador nas feiras livres da idade média: a civilidade do ato de comprar e vender. *In: Jornada de estudos antigos e medievais, 10; Jornada Internacional de estudos antigos e medievais, 2., 2011, Maringá. Anais [...]. Maringá: EDUEM, 2011. p. 01-15. DOI:10.4025/10jeam.ppeuem.03002*. Disponível em: <https://silo.tips/download/o-mercador-nas-feiras-da-idade-media-a-civilidade-do-ato-de-comprar-e-vender>. Acesso em: 21 jul. 2023.
- ARAÚJO, Giovana. Aspectos sociais do cotidiano das feiras livres: um estudo etnográfico em território português e em solo brasileiro. **Maringá Management: Revista de Ciências Empresariais**, Maringá, v.9, n. 2, p.49-64, 2012. Disponível em: <http://www.maringamanagement.com.br/index.php/ojs/article/view/131>. Acesso em: 21 jul. 2023.
- BARDIN, Laurence. **Análise do Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BARROS, Eliete da Silva. **Criança na Feira de São Joaquim: trabalho e exploração**. 2008. Dissertação ( Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/19580>. . Acesso em: 21 jul. 2023.
- BATISTA, Lázaro; GUIMARÃES, Marina Luiza Pereira. Fazeres, usos e convivências na feira: entre composições normalizadoras e atravessamentos micropolíticos. **Mnemósine**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, p. 59-78, 2017. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/mnemosine/article/view/41712>. Acesso em: 25 ago. 2023.
- BATISTA, Lázaro; GUIMARÃES, Marina Luiza Pereira; BAU, Aline Cristina. Feiras, limiares e fronteiras: entre regulamentações biopolíticas e astúcias cotidianas. **Pesqui. prá. psicossociais**, São João del-Rei , v. 13, n. 4, p. 1-12, dez. 2018 . Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-89082018000400008&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082018000400008&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 06 jun. 2023.
- BEAUVOIR, Simone. **A velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- BIRMAN, Joel. Terceira idade, subjetividade e biopolítica. **História, Ciência, Saúde-Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 4, p. 1267-1282, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-59702015000400007>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/c4GQVPFqnJGL5G6G7rqpqqq/?lang=pt#>. Acesso em: 25 ago. 2023.

- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 9 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Reflexões sobre como fazer trabalho de campo. **Sociedade e Cultura**, Goiás vol. 10, n. 1, pp. 11-27, 2007. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fcs/article/view/1719>. Acesso em: 25 ago. 2023.
- CARNAÚBA, Marcelo Gomes; SILVA, Francisco Cruz da. A feira livre de Arapiraca – 2. *In: GILVAN. Blog Arapiraca Legal*. Arapiraca, 03 set. 2011. Disponível em: <https://arapiracalegal.wordpress.com/2011/09/03/feira-de-arapiraca/> 2003. Acesso em: 25 ago. 2023.
- CAMARANO, Ana Amélia. **Mecanismos de proteção social para a população idosa brasileira**. Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas, 2006.
- CICOUREL, Aaron. Theory and method in field research. *In: GUIMARÃES, A. Z. (org.). Method and measurement in sociology*. 6 ed. Nova Iorque: The Free Press, 1969.
- COSTA, Denise Gisele Silva; COSTA, Joice Sousa; POLTRONIERI, Cristiane de Fátima. Envelhecimento e velhices: heterogeneidade do tempo do capital. *In: COSTA, Joice Souza et al. Aproximações e ensaios sobre a velhice*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2017.
- COSTA, Denise Gisele Silva; SOARES, Nanci. Envelhecimento, velhice e políticas públicas: uma análise crítica. *In: Seminário Internacional de pesquisa em políticas públicas e desenvolvimento social, 2., 2016, Franca. Anais [..]*. Franca: UNESP, 2016, p 1-10. Disponível em: <https://www.franca.unesp.br/Home/Pos-graduacao/-planejamentoeanalisedepoliticaspUBLICAS/iisippedes2016/10.pdf>. Acesso em: 25 ago. 2023.
- CUNHA, Aurineida Maria. Trabalhadores de rua: tensões e resistências na luta pelo direito ao trabalho. **Revista Katálysis**, Florianópolis, v. 12, n. 1, p. 77-85, jan. /jun. 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/katalysis/article/view/S141449802009000100010>. Acesso em: 22 jun. 2023.
- DANTAS, Geovany Pachelly Galdino. Feiras no Nordeste. **Mercator - Revista de Geografia da UFC**, Fortaleza, ano 7, n. 13, p. 87-101, 2008. Disponível em: <http://www.mercator.ufc.br/mercator/article/view/11>. Acesso em: 22 jun. 2023.
- DARDENGO, Cassia Figueiredo Rossi; MAFRA, Simone Caldas Tavares. Os conceitos de velhice e envelhecimento ao longo do tempo: contradição ou adaptação? **Revista de Ciências Humanas**, Viçosa, v.18, n. 2, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/RCH/article/view/8923>. Acesso em: 22 jun. 2023.
- DEMO, Pedro. **Introdução à metodologia da ciência**. São Paulo: Atlas S.A., 1985.
- ESTRIPOLIA. *In: MICHAELIS Dicionário Online*. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2023. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/>. Acesso em: 16 jul. 2023.
- FONSECA, Mariana Bracks. Nzinga Mbandi contra a colonização portuguesa de Angola. **Temporalidades - Revista Discente do Programa de Pós-graduação em História da UFMG**, Belo Horizonte, v. 6, n. 1, p. 113-124, 2014. Disponível em:

<https://periodicos.ufmg.br/index.php/temporalidades/article/view/5513>. Acesso em: 22 fev. 2023.

FOUCAULT, Michael. **Microfísica do poder**. São Paulo: Graal, 1979.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas S.A., 2002.

GONÇALVES, Roberto. Expansão da Feira livre motivou a emancipação. In: GILVAN. **Blog Arapiraca Legal**. Arapiraca, 03 set. 2011. Disponível em: <https://arapiracalegal.wordpress.com/2011/09/03/feira-de-arapiraca/>. Acesso em: 25 ago. 2023.

HOFFMANN-HOROCHOVSKI, Marisete Terezinha. **Memórias de morte e outras memórias (lebranças de velhos)**. 2008. Tese (Doutorado em Sociologia) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2008. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/15102>. Acesso em: 22 jun. 2023.

HOFFMANN-HOROCHOVSKI, Marisete Terezinha. O trabalho na/da velhice. **Diversas Revista Eletrônica Interdisciplinar**, Matinhos, v. 3, n.1, p.37-47, 2010. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/diver/article/view/34067>. Acesso em: 22 jun. 2023.

LAIME, Luana Nery. **A Revolta do Quebra-Quilos na Paraíba e suas influências para o uso do sistema de medidas padronizado**. 2017. 32f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Matemática) - Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2017. Disponível em: <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/123456789/18005#:~:text=Resumo%3A,tradicional%20de%20pesos%20e%20medidas>. Acesso em: 24 mar. 2023.

LUCENA, Thiago Isaias Nóbrega de; GERMANO, José Welligton. **Feiras livres: cidades de um só dia, aprendizados para uma vida inteira**. Natal: EDUFRN, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/22121>. Acesso em: 22 mar. 2023.

MÃE, Valter Hugo. **A máquina de fazer espanhóis**. 2 ed. São Paulo: Biblioteca Azul, 2016.

MENEZES, Vicente de Paulo Lima. **As feiras-livres em Fortaleza: retrato da polissemia urbana**. 2005. 130 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Geografia) - Departamento de Geociências, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2005. Disponível em: [https://www.uece.br/wp-content/uploads/sites/60/2009/10/vicente\\_menezes\\_dissertacao.pdf](https://www.uece.br/wp-content/uploads/sites/60/2009/10/vicente_menezes_dissertacao.pdf). Acesso em: 22 mar. 2023.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MOTT, Luis Roberto de Barros. **A feira de Brejo Grande: um estudo de uma instituição econômica num município sergipano do baixo São Francisco**. 1975. 348 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade de Campinas, Campinas, 1975. Disponível em: <https://caph.ffe.usp.br/node/1709>. Acesso em: 22 mar. 2023.

MUCIDA, Angela. **O sujeito não envelhece**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

NETO, Otávio Cruz. O trabalho de campo como descoberta e criação. *In*: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

PONTES, Andressa Almada Marinho. **Em meio a conversas: experiência nas relações cotidianas numa feira livre de Aracaju**. 2012. 128f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) - Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de Sergipe, Aracaju, 2012. Disponível em: <https://ri.ufs.br/handle/riufs/6009>. Acesso em: 22 mar. 2023.

PRIMO, Sheslane Maria. **Saúde, cotidiano e dominação interseccionada: um estudo sobre as condições de saúde mental e psíquica de trabalhadores das feiras livres do agreste alagoano**. Relatório final de pesquisa. Maceió: UFAL, 2023.

RAU, Virginia. **Feiras medievais portuguesas: subsídios para seu estudo**. Lisboa: Editorial Presença, 1982.

REPRESAS, José Perez. **As 7 biorotas para a saúde, o bem-estar e a longevidade**. São Paulo: Globo, 2006.

REZENDE, Cristiane Barbosa. **A Velhice na Família: estratégias de sobrevivência**. 2008. 156f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho, Franca, 2008. Disponível em: [http://www.franca.unesp.br/Home/Posgraduacao/ServicoSocial/Dissertacoes/Cristiane\\_Barboasa.pdf](http://www.franca.unesp.br/Home/Posgraduacao/ServicoSocial/Dissertacoes/Cristiane_Barboasa.pdf). Acesso em: 21 jul. 2023.

RODRIGUES, Lizete de Souza.; SOARES, Geraldo Antonio. Velho, Idoso e Terceira Idade na Sociedade Contemporânea. **Revista Ágora**, Vitória, n. 4, p. 01-29, 2006. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/agora/article/view/1901>. Acesso em: 24 ago. 2023

ROZENDO, Adriano; JUSTO, José Sterza. Velhice e terceira idade: tempo, espaço e subjetividade. **Revista Kairós Gerontologia**, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 143-159, 2011. DOI: <https://doi.org/10.23925/2176-901X.2011v14i2p143-159> Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/8212>. Acesso em: 22 ago. 2023.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das encruzilhadas**. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.

SALSA, Roberto Albuquerque; SILVA, Mariusa Santos da. **Reivindicar por uma amizade política: uma experimentação plural do companheirismo em um assentamento rural no interior de Alagoas**. 2021. 72 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Universidade Federal de Alagoas, Campus Arapiraca, Unidade Educacional de Palmeira dos Índios, Palmeira dos Índios, 2021.

SATO, Leny. Processos cotidianos de organização do trabalho na feira livre. **Psicologia e Sociedade**, São Paulo, v. 19, p. 95-102, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/bdJqKzCz8CRK84M37MbWxJc/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 22 mar. 2023.

SAWAIA, Bader (org.) **As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

SILVA, Luna Rodrigues Freitas. Da velhice à terceira idade: o percurso histórico das identidades atreladas ao processo de envelhecimento. **História, Ciências, Saúde**, Rio de

Janeiro, v. 15, n. 1, p.155-168. 2008. Disponível em:  
<http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v15n1/09.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2023.

SIQUEIRA, Renata Lopes de; BOTELHO, Maria Izabel Vieira; COELHO, France Maria Gontijo. A velhice: algumas considerações teóricas e conceituais. **Ciência & Saúde coletiva**, [s. l.], v. 7, n. 4, p. 899-906, 2002. Disponível em:  
<https://www.scielo.br/j/csc/a/Q7tDFMfnSc8nmYHYBDkmXVm/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 28 jul. 2023.

SOUZA, Alexandre Candido de; MELO, Cláudia Virgínia de Brito. O mercado de trabalho brasileiro diante das perspectivas de envelhecimento da população. *In*: CÂMARA DOS DEPUTADOS. **Brasil 2050: desafios de uma nação que envelhece**. Brasília: Câmara dos Deputados, 2017.

TAVARES, Maria Augusta. **Os fios (in)visíveis da produção capitalista: Informalidade e precarização do trabalho**. São Paulo: Cortez, 2004.